

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA**

**JOCIMARA MACIEL CORREIA**

**O FALSO MENGELE EM UMA PEQUENA CIDADE NO INTERIOR  
DO PARANÁ (1955-2020)**

**CAMPO MOURÃO – PR  
2021**

**JOCIMARA MACIEL CORREIA**

**O FALSO MENGELE EM UMA PEQUENA CIDADE NO INTERIOR  
DO PARANÁ (1955-2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Linha de pesquisa:** Memórias e Espaços de formação

**Área de Concentração:** História Pública

**Orientador(a):** Dr. Michel Kobelinski

**CAMPO MOURÃO – PR  
2021**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca  
UNESPAR/Campus de Campo Mourão  
Bibliotecária Responsável: Liane Cordeiro da Silva CRB 1153/9

Correia, Jocimara Maciel

C824f O falso Mengele em uma pequena cidade no interior do Paraná – (1955-2020). /  
Jocimara Maciel Correia. -- Campo Mourão, 2021.  
86 f. : il.; Color.

Orientador: Dr. Michel Kobelinski.  
Dissertação (Mestrado)– UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa  
de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP), 2021.  
Área de Concentração: História Pública.

1. História Pública. 2. Mamborê-Paraná. 3. Médico Nazista. I. Kobelinski, Michel  
(orient). II. Universidade Estadual do Paraná–Campus Campo Mourão, PR.  
III. UNESPAR. IV. Título.

JOCIMARA MACIEL CORREIA

**O FALSO MENGELE EM UMA PEQUENA CIDADE NO INTERIOR  
DO PARANÁ (1955-2020)**

**BANCA EXAMINADORA**

Dr. Michel Kobelinski (Orientador) – UNESPAR, União da Vitória – PR.

Dr. Fabio André Hahn – UNESPAR, Campo Mourão – PR.

Dr. Marcos Nestor Stein – UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon – PR.

Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai – UNIFAL, Alfenas – MG.

Data de Aprovação

26/03/2021

Campo Mourão – PR

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa à comunidade mamboreense, em especial, às famílias e aos pacientes negligenciados por Josef Kanat e às vítimas de erros médicos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Marli Aparecida Maciel Correia e Juvenil Niser Correia, que me proporcionaram uma boa educação, sempre me incentivando a estudar e a realizar meus sonhos; aos meus irmãos, Márcia e Marcelo, que também contribuíram na minha formação e que acompanham a minha vida desde o meu nascimento.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Campo Mourão, que possibilitou a realização desta pesquisa, e ao secretário do departamento, Pedro Henrique Caires, que sempre atendeu gentilmente às dúvidas e às solicitações em relação às demandas do mestrado.

Dedico um agradecimento especial para o meu companheiro de vida, Jorge Ribeiro, pela sua paciência e incentivo à minha carreira acadêmica e por estar ao meu lado em todas as fases do mestrado, e para o meu companheiro de toda hora, meu pet, Floyd, que não entende as palavras escritas aqui, mas a sua presença, com todo o seu amor, carinho e companhia, foram significativas no desenvolvimento desta dissertação.

Ao meu professor e orientador, Michel Kobelinski, que confiou e acreditou na minha pesquisa e no meu desempenho, cujas orientações colaboraram para o meu amadurecimento pessoal e acadêmico, estando presente sempre na pesquisa e não medindo esforços para proporcionar novas experiências.

À Profa. Dra. Cyntia S. França, orientadora de estágio docente e membra da banca, pela inspiração, admiração e cuidado no acompanhamento da pesquisa e pela disponibilidade e paciência em estar ao meu lado em uma fase fundamental do mestrado, que foi o estágio docente na universidade.

Ao professor Fábio André Hahn, que colaborou com fontes, discussões e reflexões para os encaminhamentos desta dissertação.

A todos os professores e professoras das disciplinas do programa.

Aos membros externos da banca examinadora, professor Dr. Marcos Nestor Stein e professora Dra. Marta Rovai, que gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação.

A toda a comunidade mamboreense, em especial, àqueles que auxiliaram na difusão e divulgação da pesquisa, e aos entrevistados, James Correa, Zilda Fantin e Maria Gizelta da Silva Veiga.

Aos meus amigos, Joab Jacometti, Cássio Henrique e Lucas Fernandes, que me acompanharam na caminhada do mestrado, com apoio, carinho, amizade, muitas risadas e companheirismo.

À minha ex-chefe e sempre amiga, Profa. Dra. Aurea Andrade Viana de Andrade, que foi fundamental para minha inspiração em seguir a carreira científica acadêmica e que ofereceu todo suporte para ingressar no mestrado.

À minha amiga de faculdade e da vida, Paula Évile Cardoso, que está sempre ao meu lado, compartilhando experiências, sonhos e refletindo o futuro acadêmico e profissional.

À minha amiga do mestrado, Ana Carolina Prohmann, que desde o primeiro dia de aula já sabia que seria uma pessoa que poderia confiar para trilhar comigo esta jornada acadêmica. Sua alegria e energia positiva fizeram com que as dificuldades e os desafios do mestrado fossem superados com mais leveza e força.

Às minhas amigas de coração, Elisa Pazinato, Izabela Marchezoni, Pamella Garaluz e Nagila Grebinsky, que sempre me deram apoio, carinho, incentivo e estão comigo em cada etapa da minha vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro que proporcionou as condições necessárias para a realização das disciplinas do programa e o bom desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, a todos e todas que contribuíram, direta ou indiretamente, para que fosse possível realizar esta dissertação, o meu sincero agradecimento.

## RESUMO

CORREIA, Jocimara Maciel. **O falso Mengele em uma pequena cidade no interior do Paraná (1955-2020)**, 86 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

A presente dissertação teve como objetivo investigar os discursos da suposta passagem do médico nazista Josef Mengele, no município de Mamborê, sob a identidade falsa de Josef Kanat. A pesquisa foi direcionada pelas perspectivas teóricas e metodológicas do movimento da História Pública, analisando e refletindo os discursos, memórias individuais e coletivas construídas sobre o caso em um processo colaborativo entre pesquisador e público. Após a análise e reflexão das fontes coletadas entre 1955-2020, que consistiram em jornais, fotografias, reportagens, livros e fontes orais, considera-se que os discursos sobre Mengele ter residido no município começaram a ser construídos no início dos anos de 1960 e expandiram-se nas décadas de 1980-1990, através dos meios de comunicação que atraíam o público sobre a presença de nazistas no Paraná. Além disso, os resultados obtidos por meio da consulta de opinião pública realizada entre fevereiro a novembro de 2020 apontam que, além dos meios de comunicação, as memórias familiares foram significativas para a reprodução dos discursos sobre a suposta passagem de Mengele pelo município. No processo de investigação com o público, identificamos também as memórias traumáticas que este passado carrega, devido à falta de justiça e aos procedimentos médicos negligentes causados por Josef Kanat.

**Palavras-chave:** História Pública; Josef Mengele; Josef Kanat; Mamborê –PR.

## ABSTRACT

CORREIA, Jocimara Maciel. **The fake Mengele in a small town in the interior of Paraná (1955-2020)**, 86 f. Dissertation. Graduate Program in Public History. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2021.

This dissertation aimed to investigate the discourses of the alleged passage of the Nazi doctor, Josef Mengele in the municipality of Mamborê, under the false identity of Josef Kanat. The research was guided by the theoretical and methodological perspectives of the Public History movement, analyzing and reflecting the discourses, individual and collective memories built on the case in a collaborative process between researcher and public. After analyzing and reflecting on the sources collected between 1955-2020, which consisted of newspapers, photographs, reports, books and oral sources, it is considered that the speeches about Mengele having lived in the city began to be constructed in the early 1960s and expanded in the 1980s-1990s, through the media that attracted the public about the presence of Nazis in Paraná. In addition, the results obtained through the public opinion consultation carried out between February and November 2020, show that, in addition to the media, family memories were significant for the reproduction of discourses about Mengele's supposed passage in the city. In the investigation process with the public, we also identified the traumatic memories that this past carries, due to the lack of justice and the negligent medical procedures caused by Josef Kanat.

**Keywords:** Public History; Josef Mengele; Josef Kanat; Mamborê – PR.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ficha do Consulado.....	33
Figura 2 – Registro de Estrangeiros.....	33
Figura 3 – Josef Kanat em 1956 em Mamborê .....	43
Figura 4 – Josef Kanat em 1956 em Mamborê, de costas .....	43
Figura 5 – Foto da manchete sobre a Prisão de Kanat.....	46
Figura 6 – Exposição pública da pesquisa .....	59
Figura 7 – Exposição pública da pesquisa .....	60
Figura 8 – Entrevista na <i>Rádio T</i> .....	65
Figura 9 – Panfleto do questionário para consulta pública .....	67
Figura 10 – Panfleto disponibilizado na Biblioteca Municipal .....	68
Figura 11 – Consulta pública com alunos e alunas do Ensino Médio .....	69
Figura 12 – Entrevista realizada com Zilda Fantin.....	72

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1: JOSEF MENGELE NO INTERIOR DO PARANÁ? DISCURSOS, MEMÓRIAS, OPINIÕES PÚBLICAS E REPORTAGENS JORNALÍSTICAS</b> .....	24
<b>1.1 O “Anjo da Morte” de Auschwitz</b> .....	24
<b>1.2 A suposta passagem de Josef Mengele, sob a identidade de Josef Kanat em Mamborê</b> .....	35
<b>1.3 Discursos sobre Josef Kanat e Mengele nos meios de comunicação</b> .....	46
<b>CAPÍTULO 2: O SUPOSTO MENGELE E OS PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO COM O PÚBLICO</b> .....	55
<b>2.1 História Pública: algumas considerações</b> .....	55
<b>2.2 Procedimentos investigativos com o público por meio da História Pública</b> .....	59
<b>2.3 Negligências de Josef Kanat: entrevista com Zilda Fantin</b> .....	72
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	78
<b>FONTES</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	84

## INTRODUÇÃO

“Médico-mostro Mengele prêso em Mato Grosso”<sup>1</sup>

“Tudo faz crer que Mengele foi preso”<sup>2</sup>

“Polícia: aumenta certeza que Kanat é Mengele”<sup>3</sup>

“O falso Mengele”<sup>4</sup>

“Joseph não é Mengele”<sup>5</sup>

Mas, afinal, como Josef Kanat foi vinculado à identidade de Josef Mengele?

Essa pergunta é fundamental para compreendermos um dos motivos que nos levaram a desenvolver esta dissertação. Como podemos observar nos títulos das matérias acima, Josef Kanat foi preso sob a suspeita de ser o médico nazista Josef Mengele, mas essa hipótese foi descartada dias após a prisão. As matérias de jornais que circularam no Brasil em 1961 descrevem que Josef Kanat foi preso em julho na cidade de Ponta-Porã-MT. Ao ser levado ao público sob a suspeita de ser um dos nazistas mais procurados no mundo, essa situação desencadeou uma série de acontecimentos, investigações e discursos sobre a possível presença de Josef Mengele no interior do estado do Paraná, como no município de Mamborê.

Na cidade de Mamborê, Josef Kanat trabalhou como médico entre os anos de 1955-1957 e, no ano de 1961, a população foi surpreendida com a informação de que Kanat poderia ser o médico nazista Josef Mengele. Em minhas buscas por informações sobre esse caso, encontrei relatos nos quais os moradores narram o trabalho realizado por Josef Kanat, que envolvia uma série de imprudências e negligências médicas, procedimentos não usuais, como cirurgias sem anestesia e desfiguração corporal, traumas de vários pacientes daquele período, e, após o óbito de uma jovem, Kanat havia fugido sem deixar vestígios. Constatei também que as investigações realizadas no decorrer dos anos não foram suficientes para afirmar que Josef

---

<sup>1</sup> MÉDICO-Mostro Mengele prêso em Mato Grosso. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 22 jul. 1961.

<sup>2</sup> TUDO faz crer que Mengele foi preso. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 22, 22, jul.1961.

<sup>3</sup> POLÍCIA: aumenta certeza que Kanat é Mengele. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 22-23 jul. 1961.

<sup>4</sup> O falso Mengele. **A Luta Democrática**: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1961.

<sup>5</sup> JOSEPH não é Mengele. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 26 jul.1961.

Kanat era o médico nazista em Mamborê, o que promoveu diversas dúvidas e teorias sobre o caso.

Em uma breve pesquisa sobre essa temática, há o trabalho realizado em 2012 pelos historiadores Marta Duminelli e Fabio André Hahn, intitulado “Memórias sobre o nazismo no Paraná: o caso de Josef Mengele”. Os historiadores afirmam que Josef Kanat, suspeito de ser Mengele, poderia ter sido um enfermeiro que teria trabalhado nos campos de concentração, mas não o ex-médico nazista de Auschwitz. Duminelli e Hahn chegaram a essa conclusão após realizarem uma pesquisa voltada ao público escolar, que tinha como objetivo refletir com os alunos do Ensino Médio as memórias construídas sobre Josef Mengele em Mamborê, utilizando fontes jornalísticas, livros, revistas, sites de internet e depoimentos orais. Para os autores, os procedimentos utilizados por Kanat em seus atendimentos foram comparados com atividades cruéis cometidas por Mengele nos campos de concentração, mas não podem servir de argumento para comprovar a passagem do médico nazista pelo município. Além disso, os autores consideram que os indícios sobre Mengele no Paraná só serviram para alimentar e reforçar as memórias sobre um procurado nazista. Essa pesquisa foi importante para esta dissertação, pois, a partir dela, foi possível ter mais contato e informações sobre a temática que envolve as memórias e imaginário entre Kanat e Mengele.

Ademais, existem breves menções em capítulos de livros que já abordavam as identidades de Josef Kanat e Mengele. No livro sobre a *História de Mamborê*, de autoria de Wilson Olipa (1981), há uma breve menção da suposta presença do médico no município, com o título “Mengele em Mamborê?”. Olipa relatou que, no ano de 1985, houve a possibilidade de o carrasco nazista ter morado na cidade. O autor, que também é jornalista, trouxe o depoimento de Juvêncio Ferreira de Paula, que era inspetor municipal. No relato, Juvêncio narra: “Dr. Kanat era muito inteligente e gostava de dar palpites em assuntos de carpintaria”<sup>6</sup>. Apesar de ser um breve texto, as informações contidas no livro foram importantes para representar o depoimento dos moradores e trazer informações sobre como era o município na época, além de como se deu a passagem de Josef Kanat na cidade.

O historiador Jair Elias dos Santos Júnior dedicou um capítulo em seu livro *Campo Mourão: a construção de uma cidade* (2018), no qual a suposta passagem de Josef Mengele pela região é analisada com base em fontes jornalísticas. No capítulo “Um nazista em Campo Mourão”, Jair Elias descreve as investigações que os repórteres realizaram sobre o caso. Para o historiador, a passagem de Kanat ou Mengele na região ainda são fortes na lembrança dos

---

<sup>6</sup> OLIPA, Wilson. **História de Mamborê**. Mamborê: s/n, 1998, p. 31.

envolvidos com aquele médico e “[...] as evidências, apesar de muitas, ainda não possibilitaram desvendar o mistério se Kanat era realmente Mengele”<sup>7</sup>.

Na década de 1980, as possíveis evidências sobre a passagem de um médico nazista em um município no interior paranaense ganharam destaque nos meios de comunicação. Nesse período, há uma mudança nos sujeitos em relação aos acontecimentos do passado. Andreas Huyssen (2000) aponta que, na década de 1980, o foco sobre a memória e temporalidade passa a ser deslocado de uma perspectiva de “futuro-presente” para o “passado-presente”, em que os sujeitos estão modificando suas relações de experiência sobre o passado em suas perspectivas do presente<sup>8</sup>. O autor ainda relata que, no início da década de 1980, nos Estados Unidos e na Europa, houve um aceleração nos discursos de memória impulsionadas pelo amplo debate sobre o Holocausto, iniciado pela série de TV “Holocausto”, e, posteriormente, sobre os movimentos testemunhais do Terceiro *Reich* e outros casos sobre a Segunda Guerra Mundial<sup>9</sup>. Isso explicaria o interesse dos meios de comunicação para reproduzir o caso de Mengele e explorar esse passado traumático e os crimes que ele cometeu durante a guerra. No entanto, com esse fato midiático a partir da 1960 e impulsionado na década de 1980, ocorreram nesse processo diversos discursos, lembranças, esquecimentos, histórias, investigações, memórias coletivas e diversas teorias conspiratórias. E, nesse contexto, as teorias sobre Mengele estar disfarçado em Mamborê foram fortalecidas no público mamboreense e na região.

Sendo moradora do município de Mamborê, observei que as teorias e histórias sobre Mengele ficaram marcadas entre a população local e rememoradas constantemente entre os munícipes e por pessoas da região. Desse modo, o interesse pelo presente estudo surgiu devido a esses frequentes relatos populares e de pessoas próximas ao meu convívio familiar, que narram as hipóteses que um médico nazista poderia ter residido no município, sendo um assunto que provoca várias discussões e que carrega lembranças traumáticas. Com isso, consideramos importantes e relevantes esses fatores para serem refletidos com o público local mamboreense.

Portanto, inserida nesse contexto, surgiram as seguintes questões:

- a) Como ocorreu a vinculação das identidades de Josef Mengele a Josef Kanat?
- b) Quais discursos foram utilizados para comparações entre as identidades?

---

<sup>7</sup> JUNIOR, Jair Elias. **Campo Mourão**: a construção de uma cidade. Campo Mourão: Midiograf, 2018, p. 309.

<sup>8</sup> HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: \_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 10-11.

- c) Como circulou esse caso no público mamboreense e na região?
- d) Como esses discursos permaneceram no decorrer dos anos entre os munícipes?
- e) Como é possível envolver a população no processo da pesquisa no diálogo com a História Pública?

E assim, o objetivo da pesquisa consistiu em analisar e refletir por meio das fontes coletadas no período de 1955 a 2021, que incluem reportagens de jornais, entrevistas orais, fotografias e dados coletados por meio de consulta pública, os discursos sobre as identidades de Josef Kanat e Josef Mengele pelo município de Mamborê – PR, em um processo direcionado pelas perspectivas historiográficas da História Pública.

E, para alcançar os objetivos e problemáticas propostas nesta pesquisa histórica, consideramos, a partir das discussões de Michel de Certeau (1982), que, para fazer história, o historiador deve seguir técnicas, métodos e procedimentos para realizar uma pesquisa e legitimar seu trabalho. Segundo o autor, “[...] em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho”<sup>10</sup>. E, na análise e reflexão das fontes coletadas, foi preciso também estabelecer os vínculos entre o lugar de produção de determinada narrativa, a análise da documentação em si com o objeto e a própria reflexão sobre a sua escrita, no processo que Certeau apresenta com o termo *operação historiográfica*. Desse modo, as fontes aqui compartilhadas passaram pelo processo de análise do contexto e teorias, mas também pela reflexão e interpretação dos autores em relação a própria escrita.

Com isso, no processo inicial dos encaminhamentos da pesquisa, optamos por utilizar o método de procedimento quali/quantitativo, pois consideramos que esse método era viável para conseguir alcançar nossos objetivos com a temática. Por meio do método quali/quantitativo, realizamos levantamentos bibliográficos e de fontes escritas (documentos, notícias, reportagens), aplicação de questionário de consulta pública, entrevistas semiestruturada, divulgação da pesquisa nos meios de comunicação e espaços públicos, tabulação dos dados e análise das fontes coletadas.

Os procedimentos metodológicos, assim, ocorreram no primeiro momento com o levantamento bibliográfico e literário sobre o médico nazista Josef Mengele, no intuito de produzir uma breve biografia, destacando os caminhos percorridos pelo médico após o período de guerra e as tramas, teorias conspiratórias e perseguições que o envolveram. Para isso, selecionamos quatro obras, sendo elas: *Mengele o último nazista*, de Geral Astor (2008),

---

<sup>10</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 73.

*Mengele: a história completa do anjo da morte de Auschwitz*, de Gerald L. Posner e John Ware (2019), *Mengele: a verdade veio à tona*, de Bem Abraham (1994), e *O Desaparecimento de Josef Mengele*, de Olivier Guez (2019). Essas obras foram produzidas por jornalistas e historiadores que se dedicaram a escrever a biografia de Josef Mengele antes e após o período da Segunda Guerra Mundial, destacando os caminhos percorridos pelo médico no pós-guerra, sua estadia na América Latina e os desfechos sobre sua morte no Brasil, em 1979, em Bertioga-SP. Esse levantamento foi importante para compreendermos com detalhes a vida de Josef Mengele e as possíveis características que foram utilizadas para comparar com a identidade de Kanat. Essas fontes apresentam também informações que colocam Mengele em um espaço e tempo diferente com a presença de Kanat no Brasil.

Em relação a Josef Kanat, as fontes são mais escassas. Fizemos um levantamento no Acervo Público Digital do Museu do Imigrante de São Paulo, no site *Ident Family*, e encontramos registros da chegada de Kanat no Brasil. Esses documentos foram organizados e identificados para a análise.

Uma das formas de rememorar o passado é através da leitura e análise dos jornais, assim, para compor a análise das possíveis razões que levaram ao público a identificarem Mengele à identidade de Josef Kanat, realizamos o levantamento de jornais no Acervo Público da Biblioteca Nacional, no período de 1955 a 2020, que circularam no Brasil, visando quaisquer informações que pudessem colaborar para nos aproximarmos dos objetivos e das problemáticas levantadas na pesquisa. Nas buscas no acervo, com as palavras-chaves “Kanat”, “Mamborê” e “Mengele” referentes ao recorte temporal da pesquisa, obtivemos acesso em média a cem matérias que circularam no Brasil a partir da década de 1960 até os anos 2000, nas regiões do Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Após esse levantamento e leitura dos jornais, identificamos matérias sobre a prisão de Josef Kanat sob a identidade de Mengele, a morte de Josef Kanat no Mato Grosso, teorias sobre a presença de Mengele na Região Sul do país e reportagens investigativas que Kanat era Mengele disfarçado em Mamborê.

Algumas matérias de jornais sobre esse tema também foram disponibilizadas pelo Museu Municipal de Campo Mourão e por integrantes da comunidade mamboreense. Assim, todas as fontes foram catalogadas com as informações básicas, como o nome do jornal, data, autoria, qualidade do arquivo e descrições gerais sobre os conteúdos. A partir dessa organização e leituras das matérias, observamos discursos que colaboraram para a vinculação das identidades desde 1961 e que se estenderam no decorrer dos anos nos meios de comunicação.

Desse modo, selecionamos algumas matérias para análise. Optamos nessa seleção por uma matéria reproduzida pelo jornal a *Última Hora* do estado do Rio de Janeiro, que noticiou a prisão de Josef Kanat sob a acusação de ser Josef Mengele em 1961. A escolha por esse jornal se deu porque ele circulava em outras regiões do país, como no caso do Paraná<sup>11</sup>. Selecionamos também outras matérias que descontroem que Kanat não era o médico nazista, como no caso das matérias do jornal *Diário da Noite*, jornal *Le Monde* e no boletim diário *Dayli News Bulletin*, que foram disponibilizados por colaboradores<sup>12</sup>. Na sequência das fontes selecionadas, analisamos matérias, reportagens impressas e virtuais que reproduziram o conteúdo que Kanat poderia ser Mengele disfarçado que foram publicadas entre as décadas de 1980 até o ano de 2014.

Nas fontes jornalísticas, buscamos identificar como os jornais apresentam a notícia para o público, por meio das manchetes, enunciados, conteúdos, usos dos depoimentos, fotografias e como relacionaram as identidades de Kanat e Mengele e os discursos presentes nessas fontes. No decorrer das análises, ocorreram dificuldades para contextualizar e fazer uma análise mais aprofundada em algumas matérias de jornais, pois foram disponibilizadas apenas cópias das matérias e alguns jornais possuíam baixa qualidade, não havia dados sobre data, autoria, se fazia parte da capa, se haviam recebido manchete ou apenas feito nota.

Para promover a participação da comunidade no decorrer da pesquisa, apresentar o tema para a população para, posteriormente, identificar os discursos que a população possui sobre esse passado, foi produzido um questionário de consulta pública por meio da ferramenta *Google Forms*. O questionário de consulta pública foi direcionado para a população de Mamborê e região e ficou disponível no período entre janeiro a novembro de 2020, contando com 189 colaborações. Esse questionário foi subdividido em três seções: na primeira, havia perguntas com informações gerais do participante; a segunda continha questões e informações sobre Josef Mengele e Josef Kanat; e a última era destinada à solicitação de participação no projeto, com entrevista, documentos ou fotografias.

Para chegar ao público, o questionário foi testado por colaboradores, a fim de se verificarem possíveis erros e melhores abordagens para as perguntas e respostas. Após essa etapa, foi disponibilizado o questionário para o público por meio das minhas redes sociais<sup>13</sup> e

---

<sup>11</sup> A prisão de Kanat foi também noticiada em outros jornais, a saber: **A Luta Democrática**: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar (RJ); **O Jornal** (RJ); **Tribuna da Imprensa** (RJ); **Jornal do Comercio** (RJ); **O Estado de Mato Grosso** (MT) e **Jornal Diário da Noite**.

<sup>12</sup> PHYSICIAN suspected of being dr. Mengele. **Daily News Boulletin. Brazilian Police Release**. jul., 1961. ARRESTATION au Brésil d'un homme qui pourrait être le dr Mengele. **Le Monde**, 1961. JOSEPH não é Mengele. **Diário da Noite**, jul. 1961.

<sup>13</sup> Instagram: @jocimaciel; @compartilha.história; Facebook: Jocimara Maciel.

no trabalho interdisciplinar com os profissionais da comunicação do município de Mamborê, sendo possível realizar uma entrevista na rádio local do município e também que abrange a região, além de matérias, reportagens em site e um podcast. Além disso, o questionário foi impresso no intuito de alcançar os públicos que não possuíam acesso à internet.

Elaboramos também um panfleto com informações da pesquisa e o *link* do questionário de consulta pública. Os panfletos foram espalhados em espaços públicos do município de Mamborê, por exemplo, praças, Biblioteca Municipal Daniel Miranda, Colégio Estadual João XXIII e pontos de ônibus. No município de Campo Mourão, o panfleto foi disponibilizado no Museu Municipal e espaços públicos centrais. No Colégio Estadual de Mamborê, houve espaço para o direcionamento do questionário para turmas do Ensino Médio, ocorrendo reflexões sobre a pesquisa e o trabalho do historiador público com os estudantes. Após a coletada de informações, os colaboradores foram enumerados para garantir o anonimato e realizamos a análise dos dados buscando identificar os discursos sobre Kanat e Mengele.

Na sequência das ações, foram realizadas três entrevistas. A primeira foi feita com o morador do município James Correa, tendo como objetivo coletar informações e conhecer com mais detalhes a experiência do colaborador em relação à passagem de Josef Kanat em Mamborê. No município de Mamborê, James se tornou uma referência para o público local em relação a esse caso que envolve Kanat/Mengele. A segunda entrevista surgiu por meio da consulta pública. A colaboradora Gizelta Veiga entrou em contato para narrar sua experiência, em que ela teria sido atendida pelo médico nazista. A última entrevista foi realizada com a colaboradora Zilda Fantin, que recorda as memórias traumáticas de seus familiares sobre as negligências de Josef Kanat. Assim, buscou-se refletir junto à entrevistada as memórias sensíveis que esse passado carrega e a importância de abordá-las para o público no intuito de promover novos olhares para esse tema, não apenas o interesse de desvendar as identidades entre Kanat e Mengele.

As entrevistas de base qualitativa foram além da recolha de memórias, transcrição e a de sua transformação em informações compartilhadas no espaço acadêmico. Ocorreram também com a intenção de promover uma reflexão aberta no processo de escuta das falas, compreendendo as diversas narrativas e discursos construídos nesse processo de rememoração para valorizar a interação e o diálogo das experiências. Assim, utilizamos a entrevista através das perspectivas da História Oral enquanto metodologia com foco na História Oral Temática, o que possibilitou compreender não apenas memórias de experiências comuns, mas também um campo de possibilidades compartilhadas, reais e imaginárias. Além disso, consideramos

que as “entre/vistas” transpassam a oralidade, constituindo-se na troca de olhares e na multivocalidade no diálogo entre os sujeitos.<sup>14</sup>

Nesse processo, a primeira etapa com as entrevistas foi realizada a partir de um roteiro com questões preliminares sobre o tema. Em seguida, houve contato com os colaboradores para a realização das entrevistas. Utilizaram-se, para gravação, o aplicativo de gravador de voz disponível no celular, por ser uma ferramenta que possui uma boa captura de áudio, além do caderno de campo para anotar as informações subjetivas da entrevista. Os lugares onde ocorrerem as entrevistas, sempre escolhidos pelos colaboradores, foram onde se sentiam mais à vontade para falar sobre o tema. Em cada entrevista, os entrevistados foram apresentados às questões ligadas ao processo de aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Unespar<sup>15</sup>, ficando cientes sobre os direitos, usos de imagens e consentindo com os respectivos termos de autorização.

No decorrer de cada entrevista, foram apresentados os objetivos da pesquisa e iniciou-se com questões gerais do colaborador, como nome, idade, profissão e naturalidade. O roteiro do tema foi utilizado, contudo os colaboradores foram narrando suas experiências e memórias a partir de suas lembranças e fatos importantes, não seguindo uma ordem cronológica de tempo e espaço. Além disso, a entrevistadora e os entrevistados compartilharam juntos os processos de rememoração daquele passado, fazendo com que a entrevista fosse construída coletivamente entre ambas as partes.

As entrevistas passaram pela transcrição geral da gravação oral para escrita, destacando as emoções, gestos e sentimentos. Foi realizada uma organização textual, como gramática e falas repetidas, e, em seguida, realizada a reflexão das narrativas e dos discursos<sup>16</sup>. É importante destacar que, no momento de desenvolvimento da pesquisa, foi preciso cancelar algumas atividades programadas devido à pandemia mundial, causada pela Covid-19. Com isso, a devolutiva presencial das entrevistas precisou ser cancelada por medidas sanitárias e

---

<sup>14</sup> PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 20; PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Revista Tempo**, v. 1, n. 2, 1996, p. 8.

<sup>15</sup> Essa pesquisa é vinculada à linha de Pesquisa Memórias e Espaços de Formação do Programa de Mestrado em História Pública da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e ao Grupo de Pesquisa História Pública e seguiu a resolução nº 510/2016 referente à ética da pesquisa, que implica no respeito pela dignidade humana e a proteção devida e prevenção de possíveis danos aos participantes, sendo aprovada pela Comissão de Ética da Unespar em novembro de 2019, pelo parecer nº 3.692.126.

<sup>16</sup> As entrevistas estão armazenadas em arquivos particulares da pesquisadora, mas serão armazenadas também no Colegiado de História, nos computadores do departamento de Pós-Graduação em História Pública, na Unespar, *campus* de Campo Mourão. Essa medida será tomada porque a instituição ainda não possui um repositório de armazenamento próprio. Para o acesso ao público em geral, será possível disponibilizar o material coletado nas plataformas do *Google Drive* em pastas públicas compartilhadas.

de segurança com a saúde dos colaboradores e da pesquisadora, sendo que esse contato será realizado novamente quando for seguro para todos.

Outras ações foram canceladas devido à pandemia, por exemplo, os questionários impressos que estavam programados para serem levados nas casas dos moradores de Mamborê e em espaços públicos para serem respondidos no mês de março de 2020. Com isso, optamos por manter a consulta pública sendo desenvolvida apenas através das mídias sociais e plataformas virtuais. Estava previsto também realizar 15 entrevistas com os moradores da cidade, mas só realizamos três entrevistas, que ocorreram antes da pandemia se alastrar pelo país. A exposição memorial, na qual iríamos apresentar, dialogar e debater a pesquisa para a população mamboreense em espaços públicos do município, como a Casa da Cultura e Biblioteca Municipal, também foi uma ação que precisou ser cancelada<sup>17</sup>.

Nesse cenário, para desenvolver a pesquisa, utilizamos fontes disponíveis em plataformas virtuais e arquivos particulares, bem como as adquiridas e coletadas no processo da pesquisa com as colaborações públicas, buscando analisar os discursos presentes nessas fontes. Consideramos aqui o discurso como uma forma de linguagem sob a ideia de curso, percurso e de movimento, não tratando apenas as questões ligadas à gramática, embora estejam interligadas, mas analisando nas fontes os discursos como uma prática de linguagem que expressa os sujeitos falando para determinado público e que carrega simbologias, ideologias e interesses<sup>18</sup>. Para Eni Orlandi (2009, p. 15), na “[...] análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Assim, concordamos com a autora que a linguagem na análise do discurso é uma mediação necessária na compreensão do sujeito com a realidade natural e social e que “essa mediação, que é o discurso, torna-se possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”<sup>19</sup>. Conforme aborda a autora, o importante para a análise de discurso não é procurar “atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão se coloca é: como este significa?”<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> Além disso, devido à pandemia, o processo de escrita, leitura e análise dos dados também foram comprometidos, pois o isolamento social, medos, angústias e tensões decorrente nesse contexto, impactaram negativamente os encaminhamentos e o processo da dissertação, contudo, conseguimos finalizar no tempo proposto pelo Programa.

<sup>18</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009, p. 15.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 15-16.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 17.

Desde modo, ao analisarmos os discursos sob essas perspectivas, nossa intenção foi identificar na escrita e na linguagem das fontes como os discursos sobre as teorias de um médico nazista na cidade foram significativos para as pessoas, compreendendo os sujeitos falando e destinando-se a alguém, carregam sentidos individuais, imaginários e simbologias que marcaram as memórias individuais e coletivas de membros da população mamboreense e da história local do município.

E é nesse contexto que nos aproximamos das discussões teóricas em torno do campo da memória, pois ela também faz parte da produção de discurso<sup>21</sup>. A memória desempenha uma forte influência na história, sociedade, indivíduos, grupos, questões sociais, culturais, políticas e também na identitárias, tanto individuais quanto em espaços e lugares urbanos. Podemos considerar que a memória move e faz parte de do processo humano e social, portanto, refletir esse conceito tornou-se um fator imprescindível para esse tema. O conceito de memória foi debatido e refletido por diversos teóricos consagrados, por vários encaminhamentos teóricos e metodológicos no decorrer dos anos. Para esta pesquisa, selecionamos para a reflexão o campo da memória abordado pelo sociólogo Maurice Halbwachs, que discute os conceitos de memória individual e coletiva.

Maurice Halbwachs trouxe importantes contribuições sobre o conceito de memória no início do século XX, pois antes se pensava a memória apenas em questões voltadas às áreas biológicas, sendo o indivíduo o único responsável no processo de rememoração do passado. Os estudos de Halbwachs abordam a memória entendendo-a como um fator social, podendo ter relações entre o indivíduo e coletivo<sup>22</sup>. Para o autor, as memórias individuais fazem parte de um coletivo, de momentos compartilhados em diversas ocasiões, situações e lugares, ou seja, elas são resultados de outras interações sociais que ocorrem em diversas ocasiões cotidianas. E assim, Halwbachs se dedicou a refletir as memórias individuais e coletivas, pois, para ele: “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”<sup>23</sup>. Desse modo, compreendemos que as memórias estão em um processo mutável, passíveis de alterações e confrontos em determinados meios e contextos em que o sujeito ou grupo está inserido.

---

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>22</sup> MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. **Jornal da Unicamp**. São Paulo, 27 maio 2019.

<sup>23</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990, p. 51.

No processo de rememoração vivido por determinada pessoa ou que pode ter sido compartilhada para ela, em que se remete a algum grupo específico ou até mesmo sobre uma comunidade, essas memórias vão se tornando parte de um patrimônio simbólico daquela comunidade, grupo e do próprio indivíduo. Os elementos principais e relevantes dessas memórias compartilhadas começam a ser constituídas, a princípio, pela oralidade desse grupo. Nesse processo, tendem a idealizar determinado passado, selecionando apenas os objetos de interesse ou de como escolhem lembrá-lo do acontecimento, e o restante desse acontecimento pode ser levado ao esquecimento ou ser apagado a importância de outros fatos. Assim, o autor também aborda a questão do esquecimento estando intrínsecas as construções das memórias individuais e coletivas.

Definidas brevemente as discussões abordadas por Maurice Halbwachs, tornam-se mais claros os motivos de utilizá-los para refletir o tema da suposta passagem de um médico nazista no interior do estado do Paraná. Consideramos que, ao utilizar as reflexões sobre memórias individuais e coletivas na pesquisa, nos preocupamos em estarmos atentos ao observar como elas são manifestadas entre os sujeitos e como interferiram na construção desse passado. Quando um sujeito compartilha uma memória ou uma experiência, ele também expressa seu lugar de fala e espaço temporal e espacial nos quais está inserido. Assim, cabe-nos a tarefa de identificar e interpretar, nas memórias que circularam no público mamboreense, as razões que levaram aos discursos sobre as identidades entre Kanat e Mengele.

Conforme já mencionado, destacamos que esta pesquisa foi direcionada a partir das perspectivas historiográficas da História Pública. Dessa forma, consideramos o fazer história *para e com* o público (SANTHIAGO, 2016) a partir das questões ligadas à divulgação, participação, colaboração da população no processo da pesquisa e também sob o viés da autoridade compartilhada, abordadas por Michel Frish (2016). Esses direcionamentos, refletidos aqui em sua teoria e prática, ocorreram a partir das leituras, discussões de autores consagrados na História Pública em âmbito nacional e internacional, por exemplo, Ricardo Santhiago (2016; 2018), Juniele Rabêlo de Almeida (2011; 2016), Bruno Leal (2016; 2018) Serge Noiret (2015) Anita Luchesi e Michel Frisch (2016). E também pelas experiências e reflexões advindas das aulas, palestras e atividades promovidas pelo Programa de Pós-Graduação em História Pública da Unespar, *campus* de Campo Mourão.

Esses direcionamentos teóricos e práticos oportunizaram à pesquisadora ir a campo e dialogar a temática com o público mamboreenses, promovendo um movimento participativo e interativo com troca de informações e reflexões entre ambas as partes. E assim, foi possível

ter o contato parcial com esse público, enriquecendo o trabalho devido às participações e colaborações. E, nesse processo, identificamos a importância também de rememorar esse caso compreendendo as memórias sensíveis e traumáticas que esse passado carrega.

Em termos teóricos e metodológicos na interface com a História Pública, a pesquisa foi pensada de forma colaborativa com o envolvimento do público mamboreenses no processo de desenvolvimento, compartilhando experiências e fomentando novos debates e reflexões sobre o tema. E assim, apresentaremos os procedimentos e resultados desta dissertação em dois capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos uma breve biografia da figura histórica de Josef Mengele, bem como sua trajetória no pós-guerra. Esse item é importante, pois analisamos fontes que apresentam as razões para o médico nazista ter se tornado uma figura pública, além de destacarmos a trajetória de Mengele, que possui diferenças temporais e espaciais em relação à Josef Kanat. Ainda nesse capítulo, analisamos os discursos sobre Mengele em Mamborê e a vinculação de Josef Kanat, por meio das memórias, opiniões públicas e reportagens que circularam nos meios de comunicação sobre esse caso.

No segundo capítulo, apresentamos considerações sobre a História Pública e o processo de realização da pesquisa seguindo esse movimento historiográfico. Dessa forma, compartilhamos as experiências com a História Pública, que ocorreram através do diálogo interdisciplinar com a comunicação e contato parcial com o público mamboreense e regional por meio de consulta pública e as entrevistas orais. Destacamos nesta dissertação a entrevista realizada com a senhora Zilda Fantin, que nasceu pelas mãos de Josef Kanat. Zilda compartilhou as lembranças de sua família sobre o caso e suas experiências ao descobrir que o médico que fez seu parto poderia ser um médico nazista. Esse depoimento carrega memórias traumáticas desse passado e que são importantes para refletir essa temática.

Por fim, esta pesquisa não acaba aqui. Ela traça caminhos ainda a serem construídos com diferentes públicos na busca de rememorar esse passado sob novos olhares e perspectivas. Vale ressaltar que o caminho pode ser demorado e trazer desafios, entretanto, é importante. As ações desenvolvidas neste estudo representam o início de novas perspectivas em trabalhar esse passado com o público destinado, oportunizando, também, a esse público o acesso às várias dimensões que nortearam esse passado no município, podendo promover novos diálogos e reflexões.

## CAPÍTULO 1

### JOSEF MENGELE NO INTERIOR DO PARANÁ? DISCURSOS, MEMÓRIAS, OPINIÕES PÚBLICAS E REPORTAGENS JORNALÍSTICAS

O médico nazista Josef Mengele tornou-se uma figura pública e foi representado em diversas produções literárias, fílmicas, documentais e acadêmicas que narram a sua atuação como médico em Auschwitz, suas fugas e esconderijos em regiões da América Latina no pós-guerra. O fim de Mengele teria ocorrido após a confirmação de sua morte em 1992, no Brasil, no interior do estado de São Paulo. Entretanto, a figura do “Anjo da Morte” continuou rendendo debates, produções, reportagens e chama atenção de vários públicos. Isso porque a vida, trajetória, trabalho, experiências e crueldades cometidas em Auschwitz foram compartilhadas com o mundo, promovendo indignação pública e curiosidades, mas também teorias conspiratórias sobre a passagem e permanências em diversas regiões, por exemplo, no município de Mamborê, interior do estado do Paraná.

Mas, afinal, quem foi Josef Mengele? O que ele fez? Por que seu nome promove polêmicas e discussões? Como Mengele se tornou notícia no interior do estado do Paraná? Essas perguntas são importantes para refletirmos os possíveis motivos que levaram o médico nazista a se tornar uma figura pública no pós-guerra e se esses fatos colaboraram para promover discursos que foram conectados as memórias individuais e coletivas sobre a presença de Mengele pelo município de Mamborê – PR.

Assim, neste capítulo, procuramos apresentar uma breve biografia do médico nazista e sua trajetória no pós-guerra, problematizando os possíveis discursos em torno da figura de Mengele que podem ter colaborado para as teorias da suposta passagem dele no município de Mamborê. Na sequência, apresentamos memórias individuais e coletivas, opiniões públicas, jornais e reportagens sobre o tema, analisando os discursos sobre o médico nazista sob a identidade falsa de Josef Kanat.

#### **1.1 O “Anjo da Morte” de Auschwitz**

Josef Mengele, nascido em março de 1911, Günzburg, Alemanha, era o filho mais velho de Karl e Walburg Mengele. Criado em um lar católico e com boas condições financeiras, a família de Mengele era uma das mais poderosas em Günzburg, devido à empresa

“Karl Mengele” de máquinas agrícolas, que prosperou em meados dos anos de 1920<sup>24</sup>. Ainda jovem, Mengele não seguiu os passos de seu pai na empresa e optou pela carreira científica, seguindo pelos estudos de medicina com ênfase em antropologia e genética humana<sup>25</sup>.

Em 1930, Mengele se muda para Munique, cidade em que prevalecia a doutrina racistas do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, a comando de Adolf Hitler, que pregava discursos ultranacionalistas, incitava um novo império alemão e buscava exterminar os judeus e criar uma super-raça alemã. Nesse ambiente, Mengele se identificou com os discursos do Führer, matriculando-se nas faculdades de Medicina e Filosofia da Universidade de Munique, além de fazer cursos de Antropologia e Paleontologia na mesma instituição<sup>26</sup>.

No início da Segunda Guerra, em 1939, Mengele já tinha familiaridade com os discursos e influências do partido nazista em relação à genética humana, que estava sendo ensinada na Alemanha entre os anos de 1920 a 1930<sup>27</sup>. Em junho de 1940, Josef Mengele começa sua jornada no exército de Hitler, tendo se alistado ao exército e, depois, servindo como voluntário em serviços médicos do regime nazista. No Departamento de Raça e Assentamento, no Escritório Central de Imigração e na frente da Guerra ao leste, Mengele obteve experiências, tendo participado também de ações militares. Durante esse período, o médico foi ferido, retornou à Alemanha em 1943 e começou a trabalhar no Instituto Kaiser Wilhelm (KWI) de Antropologia, Genética Humana e Eugenia, que era dirigido por um antigo mentor, von Verschuer. Nesse mesmo ano, Mengele foi promovido a capitão da SS, o que levou a ser transferido para Auschwitz<sup>28</sup>.

Mengele, ao chegar em Auschwitz, viu a oportunidade de realizar suas pesquisas genéticas em que “Auschwitz atraía Mengele pelas possibilidades de pesquisa que oferecia; era um laboratório lotado de cobaias humanas”<sup>29</sup>. Em Auschwitz, Mengele “[...] participava ativamente de todas as fases da experimentação ‘pseudo-científica’, passando várias horas por dia em seus laboratórios, além de executar outras funções durante a seleção de novos prisioneiros”<sup>30</sup>.

---

<sup>24</sup> POSNER, Gerald; WARE, John. **Mengele: a história completa do anjo da morte de Auschwitz**. São Paulo: Cultrix, 2019, p. 29.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>28</sup> ALMEIDA, Victor Porfírio dos Santos. **A Medicina nos Campos de Concentração de Auschwitz**. Monografia (Graduação em Medicina) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 2016, p. 24.

<sup>29</sup> ASTOR, Gerald. **Mengele o último nazista**. São Paulo, Planeta do Brasil, 2008, p. 101.

<sup>30</sup> ALMEIDA, 2016, p. 20.

O trabalho realizado por Mengele em Auschwitz era o de selecionar pessoas para as câmaras de gás e para fazer parte de experimentos científicos reprodutivos em mulheres, e também tinha interesse em crianças gêmeas. Gerald Astor (2018) descreve que “[...] a pesquisa sobre gêmeos atraía Mengele. [...] mediante a estudos de gêmeos, Mengele pretendia estabelecer a supremacia do ‘sangue’ como o fator determinante de características desejáveis no ser humano”<sup>31</sup>. O autor relata, ainda, que Mengele acreditava que as pesquisas sobre os gêmeos iriam ser um avanço na ciência genética e até mesmo as cobaias iriam ser beneficiadas pelo estudo<sup>32</sup>.

Além do interesse pelos gêmeos, para realizar outras experiências Mengele mutilava judeus, ciganos, anões, homossexuais e prisioneiros de guerra, submetendo-os a diversos tipos de procedimentos cirúrgico. O historiador Marcos Meinerz (2018) descreve que “[...] muitos foram mortos porque interessava a Mengele fazer autópsia de seus corpos para comprovar as suas teses; e retirava os olhos de suas vítimas, guardando-os para pesquisar suas cores”<sup>33</sup>. Segundo Astor (2008), “[...] o nome de Josef Mengele chegou a resumir o horror do Holocausto, no qual as máquinas nazistas de destruição trituraram 6 milhões de judeus e subtraíram uma quantidade incontável de dias de outros seres humanos”<sup>34</sup>. Já Posner e Ware (2019) relataram que “[...] Josef Mengele tornou-se o símbolo da perversão da medicina no Terceiro Reich em busca de teorias científicas racistas. O sorriso zombeteiro e brando, mas mortal, rendeu-lhe o título “o Anjo da Morte”<sup>35</sup>. Os autores relatam ainda que,

[...] para dezenas de milhares de internos, Mengele era uma das primeiras pessoas que viam em Auschwitz. Muitos atestaram sua aparência imaculada, as mãos muito bem cuidadas quando ele exercia o poder de vida e morte. Algumas mulheres, que ele não hesitava em humilhar fazendo-as desfilar nuas enquanto realizada suas seleções, julgavam-no um homem bem apessoado, embora uma fenda entre os dois dentes superiores da frente comprometesse um pouco o efeito <sup>36</sup>.

Para os autores, não é possível determinar com exatidão o que poderia ter corrompido a mente de Mengele, no entanto a combinação de um “[...] clima político e do fato de seu real interesse por genética e evolução ter coincidido com o conceito de desenvolvimento de que

---

<sup>31</sup> POSNER, Gerald; WARE, 2019, p. 102.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>33</sup> MEINERZ, Marcos Eduardo. “O Reich de mil anos”. **O imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 215.

<sup>34</sup> ASTOR, 2018, p. 13.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 50.

alguns seres humanos afetados por distúrbios eram inadequados para se reproduzirem, até mesmo para viver”<sup>37</sup>.

Dentre essas representações sobre Mengele, analisamos que ele estava disposto a fazer tudo que fosse possível para conseguir alcançar seus objetivos em relação à sua pesquisa sobre genética, e, para isso, não importava o quanto de vidas ele iria utilizar nesse processo. E assim, percebemos o quão frio e insensível ele foi a ponto de utilizar a ciência e a pesquisa para justificar seus atos com suas experiências em seres humanos.

Entretanto, não era essa imagem que Mengele tinha de si. Helmut Galle (2011) teve acesso aos escritos autobiográficos deixados pelo médico nazista, e o autor analisou que “[...] parece que Mengele, nas 500 páginas dos seus textos autobiográficos, não aborda em nenhum momento a questão da sua própria culpa”<sup>38</sup>. As cartas revelam que Mengele sentia-se vítima de todo o processo, que ele não era tudo aquilo que compartilhavam sobre ele e que ninguém sofreu ou morreu nas mãos dele. Essas cartas, destinadas ao seu filho Rolf Mengele, possuíam conselhos para esse e tinham o objetivo que ele tivesse acesso à sua versão, já que ele não iria se entregar para a justiça, pois, para ele, não existiam juízes, apenas pessoas vingadoras que o queriam preso<sup>39</sup>.

Nesse caso, identificamos que não há nenhuma demonstração de arrependimento sobre os crimes cometidos em Auschwitz. O fato é que a sua ambição por suas pesquisas sobre genética o fez realizar experimentos em seres humanos, sem ter o mínimo respeito pelas vidas humanas e não demonstrando remorso, representadas, inclusive, pela sua autoimagem de vítima. Assim, concordamos com Posner e John Ware (2019) que “[...] a barbaridade do seu crime não está em dúvida. O que ainda se debate é como ele escapou da justiça”<sup>40</sup>. E, para identificarmos como Mengele escapou da justiça, realizamos no processo da pesquisa uma breve trajetória do médico nazista no pós-guerra até a confirmação da sua morte no Brasil em 1992.

Na trajetória de Mengele no pós-guerra, identificamos que, perto do fim da guerra, o médico nazista saiu de Auschwitz levando o máximo de documentos e registros dos seus experimentos realizados no campo de concentração, pois a SS já tinha ordenado que todos os arquivos fossem destruídos<sup>41</sup>. A partir disso, Mengele abandonou Auschwitz antes da chegada

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>38</sup> GALLE, Helmut. Os escritos autobiográficos de Josef Mengele. *Estudos Avançados*, v. 25, p. 269-286, 2011, p. 279.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 279.

<sup>40</sup> POSNER; WARE, 2019, p. 23.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 79.

das tropas liberadoras do Exército Vermelho da União Soviética e conseguiu fugir sem levantar suspeitas.

Com o final da guerra, o médico nazista foi colocado sob custódia dos Estados Unidos. Entretanto, o nome de Mengele não constava na lista de criminosos procurados pela justiça, sendo liberado na sequência<sup>42</sup>. Nas pesquisas de Ben Abraham (1994), Mengele começou sua fuga pela Itália por meio da chamada operação “*Vatikan-Conection*”, em que o bispo austríaco Luigi Hudal<sup>43</sup>, que ajudava criminosos de guerra, forneceu a Mengele um passaporte emitido pela Cruz Vermelha Internacional sob o número 100.50, em nome de Helmut Gregor<sup>44</sup>. No dia 20 de junho de 1949, Mengele saiu do porto de Gênova e desembarcou na Argentina, recebendo uma cédula de identidade pela Polícia Federal com o número 3.940.484<sup>45</sup>.

Na Argentina, Meinerz (2017) relata que, apesar de se manter neutra no período de guerra, mantinha relações secretas com a Alemanha Nazista durante o governo de Juan Domingo Perón, eleito presidente em 1946. No governo de Perón, organizavam-se as imigrações de alemães nazistas que poderiam transformar a Argentina em uma nova superpotência da América Latina. Com isso, havia o interesse de nazistas que fossem cientistas, médicos ou engenheiros, por exemplo. Para os alemães nazistas, o governo de Perón representava um novo “lar”, pela forma como o presidente governava o país e por suas concepções políticas e ideológicas<sup>46</sup>. Nesse contexto, a Argentina foi o lugar que mais recebeu os refugiados nazistas, conforme o trabalho da Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina-CEANA”. A “CEANA” foi criada em 1997, com objetivo de investigar, na Argentina, as ligações e vínculos entre os nazistas no período de guerra e pós-guerra<sup>47</sup>.

Meinerz (2017) relata que, para a pesquisadora Carlota Jackisch, a qual fazia parte do grupo CEANA, havia um grande número de pessoas que, após o conflito, imigraram para a Argentina, e que eram consideradas criminosas de guerra. Com uma lista de mais de 180 nomes citados nas investigações, Josef Mengele foi um dos mais procurados<sup>48</sup>. Com o desembarque na Argentina, os refugiados nazistas conseguiam acesso a outros países da

---

<sup>42</sup> ALMEIDA, 2016, p. 39.

<sup>43</sup> De acordo com Abraham (1994, p. 37), Luigi Hudal, reitor do colégio alemão em Santa Maria da Alma, nunca negou sua ajuda aos criminosos nazistas, apenas alegou que na época não conhecia os crimes cometidos por eles.

<sup>44</sup> ABRAHAM, Bem. **Mengele**: a verdade veio à tona. São Paulo, Sherit Hapleita do Brasil, 1994, p. 37.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>46</sup> MEINERZ, Marcos Eduardo. O imaginário da formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial. Curitiba, **Samp**, 2017, p. 57.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p.58.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 72.

América do Sul, como Uruguai, Paraguai, Bolívia e Brasil. Diante disso, “[...] estima-se que cerca de 100 mil nazistas fugiram da Europa para a Argentina entre 1945 a 1955, dentre eles vários criminosos de guerra que estariam usufruindo um ‘happy retirement’ (aposentadoria feliz) no país”<sup>49</sup>. Dessa forma, era comum que os nazistas pudessem ter suas vidas normais, sem preocupações com os crimes cometidos no período de guerra. Entretanto, o governo alemão solicitou a captura do ex-médico do campo de extermínio de Auschwitz em nove de outubro de 1959<sup>50</sup>. Até o governo alemão emitir a ordem de prisão, Mengele viveu esse período na Argentina com sua identidade verdadeira, constando, inclusive, na lista telefônica<sup>51</sup>.

No início da década de 1960, contudo, observamos que só havia rumores da presença de nazistas na Argentina. Essa situação começou a mudar quando Adolf Eichmann foi capturado pelos comandos de Israel. Com o julgamento de Eichmann, em 1961, e sua condenação pelo Tribunal de Nuremberg – após o depoimento de mais de cem testemunhas, além de inúmeras provas e protocolos realizados pela polícia israelense –, as investigações para a captura de Josef Mengele aumentaram. Os “caçadores de nazistas”, assim conhecidos os sujeitos que colaboraram nas investigações e captura de nazistas foragidos, buscaram informações no depoimento de Eichmann que levassem à vida de Mengele.

A América do Sul, que até então seria o melhor lugar para os foragidos nazistas no pós-guerra, após a captura de Eichmann começou a se tornar uma ameaça para Mengele. Por motivos de segurança, Mengele decidiu se mudar para o Paraguai, alegando que sua situação não estava mais sob controle e encontrou refúgio na fazenda de Alban Krug. No Paraguai, Mengele se naturalizou em 27 de novembro de 1959, com o certificado expedido sob número 809 pela Suprema Corte da Justiça Paraguaia, e conseguiu ficar escondido naquela fazenda sem levantar suspeitas<sup>52</sup>.

Em sua estadia na Argentina, em meados de 1954, residiu na Rua Sarmiento, número 1975, Buenos Aires. Nesse mesmo ano, Mengele se divorciou de sua primeira esposa, Irene, com quem teve um filho chamado Rolf. Nesse contexto, em novembro de 1956, Mengele se dirigiu à embaixada da República Federal da Alemanha, em Buenos Aires, para atualizar a documentação exigida aos estrangeiros naquele país com a sua identidade original. Com isso, obteve uma cédula de identidade da Polícia Federal, sendo mantidas as mesmas informações

---

<sup>49</sup> MEINERZ, 2017, p. 70.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>51</sup> ABRAHAM, 1994, p. 39.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 39.

da cédula anterior, isto é, seu verdadeiro nome, data e local de nascimento<sup>53</sup>. Nesse mesmo ano, Mengele fez sua primeira viagem à Europa, desde a fuga de 1949 para as terras latinas, e encontrou-se com Martha nos Alpes Suíços<sup>54</sup>.

Sob a identidade verdadeira, Mengele adquiriu uma farmácia chamada “*Fedrofarm*”<sup>55</sup>. Era comum que Mengele realizasse viagens de negócios e, em fevereiro de 1957, há registros de que fez uma rápida viagem para Santiago, no Chile<sup>56</sup>. Para o jornalista Oliver Guez (2017), logo após sua volta para a Argentina Mengele teve uma vida amena em Buenos Aires e, em 25 de junho de 1958, no Uruguai, casou-se com Martha Mengele, viúva de seu irmão Karl<sup>57</sup>.

Em maio de 1959, Mengele decidiu se mudar para o Paraguai, ainda sob a identidade verdadeira. No Paraguai, mudou-se para a região do Alta Paraná, que fazia fronteira com a Argentina. Nessa região, o médico nazista encontrou refúgio na fazenda de Alban Krug. No Paraguai, Mengele se naturalizou em 27 de novembro de 1959, com o certificado expedido sob número 809 pela Suprema Corte da Justiça Paraguaia, e conseguiu ficar escondido naquela fazenda sem levantar suspeitas<sup>58</sup>.

Com o processo de extradição oficialmente regularizado, em 1960, começou a ser divulgada pela imprensa a procura por Mengele. Dessa forma, as delegacias argentinas emitiram o comunicado de captura de Mengele, e a notícia se expandiu para diversas regiões. Nessa situação, em setembro de 1960, Mengele resolveu ir embora do Paraguai com o objetivo de encontrar um lugar em que não pudesse ser reconhecido, e o país escolhido por Mengele foi o Brasil<sup>59</sup>.

Em 1961, sob a identidade de Peter Hochibichlet, Mengele trabalhou como empregado perto de Araraquara, na fazenda de Gitta e Geza Stammer, que eram húngaros naturalizados brasileiros. O ex-médico nazista também teria sido identificado no Brasil como Hemult Gregor, em 9 de janeiro de 1968<sup>60</sup>. Até o ano de 1969, Mengele e os Stammer permaneceram em uma fazenda em Serra Negra-SP. Na sequência, mudou-se para um sítio em Caieiras e, após 1973, morou em uma casa no interior de São Paulo, situada na Estrada do Alvarenga<sup>61</sup>.

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>54</sup> POSNER, Gerald; WARE, 2019, p. 168.

<sup>55</sup> ABRAHAM, 1994, p. 39.

<sup>56</sup> POSNER, Gerald; WARE, 2019, p. 134.

<sup>57</sup> GUEZ, Oliver. **O desaparecimento de Josef Mengele**. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2019, p. 81.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p.143.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p.144.

<sup>60</sup> MEINERZ, 2017, p. 72.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 41.

No ano de 1979, Mengele, ao acompanhar a família Bosserts ao litoral de Bertioga em São Paulo, morreu em um afogamento e foi enterrado em Embu das Artes, sob a identidade de Wolfgang Gerhard. Após anos de investigação, as autoridades entraram em contato com os Bosserts, em função das suspeitas de que a família havia colaborado para esconder o médico nazista. Com o fim do interrogatório, a polícia foi encaminhada ao túmulo onde o corpo de Wolfgang Gerhard estava enterrado.

Os restos mortais foram exumados em seis de junho de 1985, e o exame forense confirmou a probabilidade de a ossada ser de Mengele. Contudo, somente em 1992, com os testes de DNA, ocorreu a confirmação. Com a recusa dos familiares em recolher os restos mortais para a Alemanha, os ossos se encontram armazenados no Instituto Médico Legal, em São Paulo, e estão sendo utilizados para fins acadêmicos na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo<sup>62</sup>.

Devido à sua morte natural em São Paulo, esse fim gerou indignação de vários públicos que esperavam que ele fosse julgado pelas atrocidades que cometeu em Auschwitz. As incoerências nas informações a respeito do corpo encontrado sobre Mengele, levantaram-se suspeitas se o médico nazista havia tido morte natural no interior do estado de São Paulo, criando também, teorias conspiratórias e negacionistas. Em relação a isso, analisamos que, após o período de guerra, Josef Mengele tornou-se uma figura pública devido à sua participação no regime nazista com as experiências realizadas no campo de concentração em Auschwitz e foi considerado um dos mais cruéis médicos na contemporaneidade. Essa não aceitação da morte de Mengele interpretamos que se deve pela busca do interesse de sobreviventes, e até da própria população, em levar o médico nazista à julgamentos e ser realizada a justiça para os milhares de mortos e atrocidades genocidas ocorridas em Auschwitz.

Em relação à trajetória de Mengele no final da guerra, identificamos que foi ela marcada por várias tentativas de prisões. Desde o fim da guerra, a busca para encontrá-lo vivo e levá-lo a julgamento foi esperada por muitas pessoas. Contudo, nesse processo, surgiram relatos que ele teria sido visto em diversos lugares e teorias que ele estava continuando suas experiências em seres humanos nesses locais. Conforme relatam Gerald Posner e John Ware (2019), isso foi um gatilho para que Mengele fosse “visto” em diversas regiões do mundo, havendo inúmeras denúncias, mas nenhuma consolidada. Temos como exemplo as prisões do

---

<sup>62</sup> PAPPON, Thomas. Nazismo: a segunda morte de Josef Mengele no Brasil. **BBC News Brasil**. 25 de fev. 2019.

enfermeiro Josef Kanat e o médico Cyrillo Flores, que ocorreram na década de 1960 no Brasil, que foram presos sob a suspeita de ser o médico nazista.

Entre as décadas de 1960 e 1980, existiu também a ideia de que a América do Sul teria sido o local escolhido por Adolf Hitler para a formação e continuação do *IV Reich*, onde membros nazistas estariam se organizando em diversas regiões. No Brasil, as regiões que faziam parte dessa conspiração eram Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. No estado do Paraná, na cidade de Marechal Cândido Rondon, Meinerz (2017) analisou as denúncias feitas por Erich Erdstein, austríaco e um dos “caçadores de nazistas”, no período de 1960-70, que apontam que o município seria um “reduto nazista” e que lá estaria nascendo o *IV Reich*<sup>63</sup>.

Além do mais, nas histórias narradas sobre Mengele no pós-guerra, o médico nazista era retratado como sendo um fugitivo envolvido em diversas tramas e perseguições, além de discursos que era um homem influente e respeitado pelos ditadores, que tinha acesso a serviços secretos e uma guarda armada pronta para lhe ajudar<sup>64</sup>. Houve a “vontade de ver Mengele como um personagem de romance de espionagem, capaz de estar em diversos lugares do mundo, sempre escoltado por uma rede secreta de colaboradores”<sup>65</sup>. E “lendas foram criadas e se multiplicaram, em grande medida graças aos exageros criados pela publicidade dada ao trabalho de caçadores de nazistas como Simon Wiesenthal”<sup>66</sup>. Ocorre que Wiesenthal colaborou para consolidar uma imagem de Mengele enquanto um fugitivo sofisticado, que possuía recursos para longas viagens com proteção de agentes nazistas e ditadores. E isso inspirou também diversas produções que se espalham em grandes proporções alcançando diversas audiências e públicos<sup>67</sup>. Identificamos, nesse contexto, que essa imagem também está conectada aos discursos em que colocam Mengele em uma cidade no interior do estado do Paraná, no município de Mamborê.

Em Mamborê, há relatos que Josef Mengele havia morado na cidade entre os anos de 1955 a 1957, sob a identidade falsa de Josef Kanat, o mesmo sujeito que foi preso em Ponta-Porã acusado de ser o médico nazista e que foi libertado após não terem provas que confirmassem as identidades. Os moradores do município se recordam da imagem de Kanat em relação aos atendimentos aos pacientes, que não eram convencionais, e que, após o óbito

---

<sup>63</sup> MEINEZR, 2017, p. 161.

<sup>64</sup> POSNER, Gerald; WARE, 2019, p. 23.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>66</sup> GUTERMAN, 2016, p. 81.

<sup>67</sup> Temos como exemplos os filmes: *Os Meninos do Brasil* (1978), *Josef Mengele – My Father, rua alguém 5555* (2007); *Wakolda* (2014); *O Anjo de Auschwitz* (2019); *Eldorado – Mengele Vivo ou Morto?* (2019), entre outros.

de uma jovem, ele foi embora sem dar explicações. Essas memórias e recordações eram alguns indicativos de que Kanat poderia ser o médico nazista.

Esses acontecimentos narrados pelos munícipes da época, aliados aos indícios de que o médico nazista estava vivendo no Brasil com documentos falsos e que estaria foragido, foram utilizados para relacionar as identidades entre Kanat e Mengele, sendo rememorada entre a população local e regional no decorrer dos anos. No entanto, após realizarmos a trajetória de Mengele no pós-guerra, verificamos que, no período entre 1955 a 1957, o médico nazista estava vivendo na Argentina e as fontes apontam que Mengele veio para o Brasil em meados dos anos de 1960. Na época das investigações em Mamborê, identificamos também que os investigadores já tinham concluído que não se tratavam de Mengele, provavelmente porque identificaram a presença de Mengele em outro país nesse mesmo período relatado pelos moradores de Mamborê ou por outros motivos.

Nas buscas por informações sobre Josef Kanat, encontramos algumas fontes sobre a chegada de Kanat no Brasil. No site da Hospedaria do Imigrante em São Paulo<sup>68</sup>, constam registros que ele veio à borda do navio Lavoisier, com sua chegada em 5 de maio de 1954, e havia desembarcado no Rio de Janeiro. Na hospedaria, Kanat se registrou como estudante de Medicina, com idade de 45 anos, e que sua última residência era na cidade de Hamburg, tendo ficado durante um ano, onde embarcou para ao Brasil.

Segundo a ficha expedida pelo consulado de imigrantes, conforme Figura 1, e no registro da Delegacia especializada de estrangeiros, conforme Figura 2, Josef Kanat nasceu em 17 de novembro de 1919, na Tchecoslováquia, sendo filho de Josef Kanat e Amalie Kanat, com a nacionalidade apátrida, seu estado civil contando como solteiro e sua profissão enfermeiro. Nos registros da Delegacia Especializada em Estrangeiros, em 17 de agosto de 1954, consta que Josef Kanat residia à Rua Almeida Lima, número 960, tendo como profissão auxiliar de enfermagem, com o registro geral 1.911.217 e carteira de número 438.056, expedida em 16 de agosto de 1954.

---

<sup>68</sup> No site <https://museudaimigracao.org.br/>, é possível ter acesso ao documento digitalizado. Acesso em: 9 nov. 2020.

Figura 1 – Ficha do Consulado

P.5

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no ponto de destino

Nome por extenso: JOSEF KANAT

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE

No termos do art. 9 letra --- do dec. n. 7967 de 1945

Lugar e data de nascimento: Checoslováquia, 17/11, 1919

Nacionalidade: eslovaca Estado civil: solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe): Josef e Amalia Kanat

Profissão: enfermeiro

Residência no país de origem: ---

FILOS MENORES DE 18 ANOS	NOME	IDADE	SEXO

Passaporte n. 1172/53 expedido pelas autoridades do Prefeitura de Munique na data 10/11/1954 visto sob a 00221

Assinatura do Portador: *Josef Kanat*

Assinatura do Consulado: *David Lima*

Consulado: --- do Brasil em Munique da maio de 1954

Nome do Conselheiro: DAVID LIMA

POSTO - Este formulário é propriedade do Serviço de Imigração e deve ser devolvido ao órgão emissor.

Fonte: Ident Family.

Figura 2 – Registro de Estrangeiros

N.º

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: JOSEF KANAT

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE art. 29º do dec. 7967/45

Nacionalidade: INDEFINIDA nat. PODREZOVA - TCHECOSLOVÁQUIA

Data do nascimento: 17/11/1919 Estado civil: SOLTEIRO

Pai: JOSEF KANAT Mãe: AMALIA KANAT

Profissão: AUXILIAR DE ENFERMAGEM

Registro Geral N.º 1.911.217 Carteira N.º 438.056 exp. 16/8/1954

Residência: RUA ALMEIDA LIMA Nº 960

Emprego: ---

Local: ---

Data: 17/8/1954

Assinatura do Delegado Especializado de Estrangeiros: *David Lima*

N.º D. 1 - 306 - 102

Fonte: Ident Family.

A partir dessas fontes, identificamos que Kanat era imigrante tcheco e chegou ao Brasil em 1954. É notório analisar que Kanat não tinha formação médica para atuar, em que ele mesmo não afirma ser médico, sendo ou estudante do curso ou enfermeiro. Com isso, Kanat, em sua estadia nas terras brasileiras, desenvolveu medicina ilegal em algumas regiões, por exemplo, no município de Mamborê. O que provavelmente Kanat não esperava era ser preso sob a identidade de um médico nazista procurado, Josef Mengele.

Sendo assim, concluímos que Kanat foi envolvido em uma trama de perseguição que tinha o objetivo de identificar à figura de Mengele. Os discursos foram sendo reproduzidos e compartilhados com diversas teorias e que marcaram não só a vida de Kanat, mas também de uma população que não obteve justiça pelas negligências causadas pelo falso médico.

No tópico a seguir, apresentamos como a população mamboreense recorda desse passado, o impacto da hipótese de um médico nazista ter residido no município ter tornado

parte da história local, e, posteriormente, analisamos os discursos entre as memórias individuais e coletivas que ainda promovem controvérsias e discussões.

## 1.2 A suposta passagem de Josef Mengele, sob a identidade de Josef Kanat em Mamborê

O município de Mamborê, localizado no interior do estado do Paraná, teve o processo de colonização e ocupação de Mamborê na segunda década do século XX, com a Companhia de Dom Júlio Thomas Allica, que exportava erva-mate nativa na região<sup>69</sup>. A partir da década de 1930, correntes migratórias dirigiram-se para Mamborê e as comunidades rurais foram criadas “conforme os seus núcleos iniciais de migração de cada determinada região”<sup>70</sup>. Vilson Olipa (1998) relata que as primeiras famílias que vieram para povoar Mamborê não eram descendentes diretos de europeus, mas de brasileiros que pertenciam aos estados de Minas Gerais e São Paulo, em sua maioria descendentes italianos e alemães<sup>71</sup>. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) aponta que Mamborê possui uma população estimada em 2017 de 13.798 habitantes, com um total de 8.984 na área urbana e 4.977 na área rural, sendo que, da área rural, 2.392 são mulheres e 2.585 homens. O município possui ainda aproximadamente uma área total de 782,904 km<sup>2</sup> e área urbana de 2.789,1 km<sup>2</sup>.

No período de formação do município, as famílias se instauraram em comunidades rurais e era comum que elas ficassem conhecidas pela totalidade de migrantes que se instalavam, como a comunidade rural do Canjarana, que recebeu diversos migrantes paulistas e ficou conhecido na época como o Bairro dos Paulistas. Já na comunidade rural do Lageado, receberam-se migrantes vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, com descendentes alemães e italianos sulistas<sup>72</sup>. Vilson Olipa (1998) relata que os migrantes da região do Lageado “trouxeram e cultivam a língua dos pais e avós, os costumes, enfim, a rica tradição sulina”<sup>73</sup>. No decorrer dos anos, a comunidade destacou-se pela cultura, religião, identidade e tradição dos descendentes alemães, sendo habitual se referirem a comunidade rural do Lageado como uma comunidade alemã.

Entre outras características de Mamborê, o município possui em sua história local as memórias da possível passagem do médico nazista Josef Mengele sob a identidade falsa de

<sup>69</sup> HAHN, Fábio André, MORIGI, Josimari de Brito. A fronteira em questão: estudo da ocupação de Mamborê/Pr. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 8, n. 1, jan./jun., 2015 p. 260.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 271.

<sup>71</sup> OLIPA, Vilson. **História de Mamborê**. (Mamborê, s.n), 1998.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 271.

<sup>73</sup> OLIPA, Vilson. História de Mamborê. **TRnoticias**. Disponível em:

<http://www.trnoticias.com.br/historiademambore/municipio.htm>. Acesso em: 9 set. 2020.

Josef Kanat. Ocorre que, em 1955, chegou na cidade o estrangeiro Josef Kanat, que ofereceu seu trabalho como médico. Josef Kanat, ao chegar em Mamborê, a comunidade tinha orgulho da presença dele por ele ser considerado um ilustre médico estrangeiro, mobilizando a população e colaborando para a construção do primeiro hospital da comunidade, conhecido como Hospital São Pedro<sup>74</sup>.

Os moradores, no entanto, recordam que, nos atendimentos no hospital, Kanat não tinha métodos tradicionais, operando seus pacientes amarrados, sem nenhum tipo de anestesia ou remédio para dor, o que causou dor e traumas para aqueles pacientes atendidos, por exemplo, o parto de Íris Fantin (1956), no qual o uso agressivo com a fórceps acarretou problemas uterinos e o corte da orelha de sua filha, Zilda Fantin; a cirurgia de apêndice de Antônio Lino, que ocorreu com ele amarrado e sem o uso de anestesia, o que resultou em uma lesão abdominal e marcado por uma cicatriz em sua barriga; a morte de Sieglind Erica Pierburg, de 19 anos, que faleceu por complicações hemorrágicas decorrentes de aborto. Após a morte de Sieglind, os moradores relataram que Kanat foi embora sem dar explicações e, tempos depois, o corpo da jovem foi desenterrado e retirado do cemitério municipal.

Identificamos que, até o ano de 1961, Josef Kanat era apenas um médico que realizou procedimentos não usais e que foi embora sem dar satisfações, mas que começou a mudar após a prisão de Kanat em Ponta-Porã, Mato Grosso<sup>75</sup>. Constatamos que investigadores foram para o município atrás de informações sobre Kanat, pois ele era suspeito de ser o médico nazista Josef Mengele. Devido ao fato do município ter uma comunidade com traços da cultura germânica, identificamos que pode ter favorecido também as suposições que Mengele teria residido na cidade. Contudo, as informações na época sobre Kanat não foram suficientes para vincularem a figura de Mengele. As suposições e teorias de que Kanat poderia ser o médico nazista, com isso, não se encerraram após a conclusão dos investigadores naquele período e permaneceram no decorrer dos anos nas memórias individuais e coletivas, tornando-se parte da história do município.

Observamos que um dos fatores que contribuíram para a permanência das teorias sobre a suposta passagem do médico nazista, foram passadas entre as gerações de familiares através das memórias dos munícipes que viveram na década de 1950-60. As memórias coletivas

---

<sup>74</sup> Para ter acesso às informações sobre a passagem de Kanat no município e compreender discursos vinculados à identidade de Josef Mengele, realizamos uma entrevista com o jornalista e radialista mamboreense James Correa, que na década de 1980 acompanhou as investigações sobre a suposta passagem do médico nazista na cidade e se tornou uma referência sobre este tema no município. A entrevista foi realizada no dia 04 de fevereiro de 2020, com duração em média de uma hora e meia. Buscou-se informações de registros do Hospital São Pedro, no período da década de 1950. No entanto, não haviam arquivos com os registros da época.

<sup>75</sup> Prisão de Josef Kanat noticiada em 1961 nos meios de comunicação no Brasil.

compartilhadas na oralidade sobre a passagem de Kanat em Mamborê, sendo tratado como Mengele, referem-se as marcas traumáticas e físicas nos atendimentos, a trama de um possível nazista estar na cidade, as investigações, a caça a esse nazista e a busca por justiça. Essas memórias estão fazendo significados aos discursos que foram sendo reproduzidos no decorrer dos anos. Além disso, elas podem ter sido influenciadas devido ao imaginário que nazistas poderiam estar vivendo nas regiões do Brasil e no estado do Paraná. Todos esses sentidos que já foram ditos ou que foram reproduzidos por alguém, em outros momentos e em diferentes lugares, têm efeito sobre o mistério das identidades.

Nesse contexto, a fim de identificar as permanências, rupturas das memórias que vinculam os discursos sobre as identidades de Kanat e Mengele no decorrer dos anos, produzimos e compartilhamos para a população local uma consulta pública on-line para que os moradores pudessem compartilhar seus relatos e opiniões sobre o caso. A ação da consulta pública foi pensada também com o objetivo de promover a participação dos moradores de Mamborê na pesquisa, em um processo colaborativo e participativo entre pesquisar e público, conforme as perspectivas da História Pública<sup>76</sup>.

A consulta pública possuía três seções. Na primeira página, havia uma introdução apresentando a pesquisa, informações sobre a instituição, envolvidos na realização e que a participação dos colaboradores era voluntária e os direitos reservados. No final, disponibilizamos também o e-mail dos organizadores, para que os participantes pudessem entrar em contato.

A primeira seção era destinada a informações gerais dos colaboradores, como: gênero, cidade de origem, município que reside atualmente, área em que reside, escolaridade, profissão e idade. Nessa primeira seção, foi possível mapear e conhecer o público participante da pesquisa. Entre os colaboradores, 50,3% são do gênero masculino e 49,7% feminino. Os dados demonstraram que o município de Mamborê faz parte da cidade de origem de 70% dos colaboradores e outros, possuem a cidade de origem em outras regiões do estado do Paraná e também, regiões dos estados como São Paulo e Pernambuco.

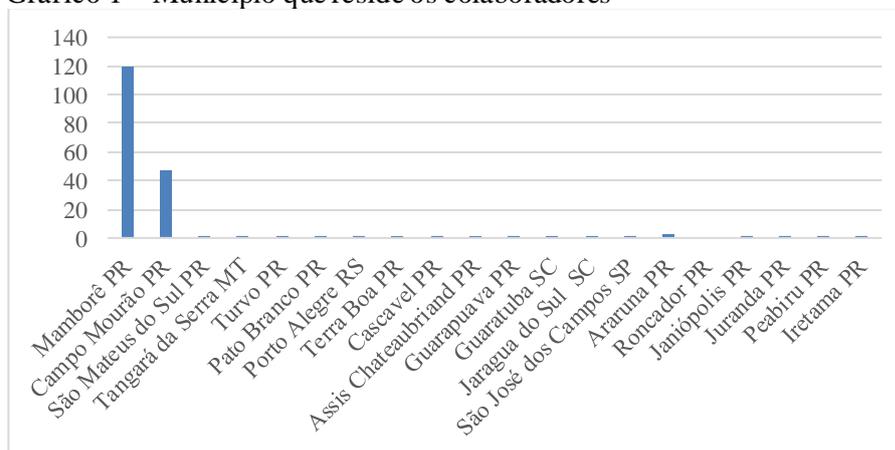
Ao tabular os dados dos municípios em que se referem aos colaboradores residem no momento em que participaram da pesquisa, observamos, conforme o Gráfico 1, que esse tema não é de interesse apenas do público local de Mamborê e da região próxima ao município. A

---

<sup>76</sup> Consulta pública realizada entre os meses de Janeiro a novembro de 2020, contando com 189 colaborações entre com os moradores do município de Mamborê e da região. Os participantes foram enumerados para garantir o anonimato. Reconhecemos que a opinião pública é passível de alterações e mudanças com o tempo. Dessa forma, esses resultados apresentados podem ser suscetíveis a variações.

partir dos dados, a consulta pública on-line alcançou pessoas que residem em outras regiões do país, como Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Os dados também demonstraram que 84,4% dos colaboradores são da área urbana e 11,6 da área rural.

Gráfico 1 – Município que reside os colaboradores



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à escolaridade entre os colaboradores, 31,1% possuem o Ensino Médio incompleto, 19,9%, Ensino Superior completo, 10,8%, Ensino Superior Incompleto, 2,4% são mestres ou doutores, 1,8% sem escolaridade e 34% não informaram. Sobre as profissões, os colaboradores atuam em área da Educação, Direito, Administração, Saúde, Alimentação, Estética e Agricultura. Os colaboradores estão na faixa etária de 15 a 65 anos.

Após tabular esses dados, analisamos que o público colaborador é heterogêneo e multiplural, possuindo perfis e interesses diferenciados<sup>77</sup>, e os colaboradores, em sua maioria, estão ligados a Mamborê, seja pela origem de nascimento, seja pela atual residência ou próximo ao município, o que pode ter colaborado para a participação, interesse e interação com o tema abordado na consulta pública.

Na sequência da consulta pública, o colaborador era direcionado a uma página com uma breve introdução e que solicitava o relato sobre esse tema, por meio de questões abertas e de múltipla escolha. Essa segunda seção, tinha como objetivo conhecer a relação do público com o tema e havia espaço para o colaborador relatar suas experiências e memórias sobre o caso.

As duas primeiras questões foram relacionadas ao médico nazista Josef Mengele, com o objetivo de analisar o que os colaboradores recordam sobre a figura histórica do “Anjo da

<sup>77</sup> Essas informações serão importantes para promover ações futuras com essa temática, adequando-se à realidade de cada grupo.

Morte”. Assim, a primeira questão era: “Você já ouviu falar do médico alemão nazista Josef Mengele e sua participação na Segunda Guerra Mundial?”, 73% dos colaboradores responderam que conheciam as atividades de Mengele e 27% que não. Já a segunda questão: “O que te faz lembrar quando se fala no nome ‘Josef Mengele’?”, entre as respostas prevaleceram que Mengele era lembrado pelo nazismo, que era um médico carrasco e cruel, com procedimentos médicos impróprios, violência obstétrica, experimentos em gêmeos e mulheres, morte, crueldade, injustiça e Holocausto.

Outros colaboradores recordam de Josef Mengele tendo passado em Mamborê, como relata os colaboradores: “ele passou por Mamborê”<sup>78</sup>; “lembro de Josef Kanatt”<sup>79</sup>; “ele veio para Mamborê e fez o terror na cidade”<sup>80</sup>; “um médico que atendia em Mamborê antigamente”<sup>81</sup>; “me faz lembrar de um ex-vizinho, ele conta que seu pai e seu tio escaparam de um trem que rumava a Polônia e que seu pai havia reconhecido um homem chamado Josef em uma farmácia (ele não especifica o local)”<sup>82</sup>.

Nessas respostas, as recordações sobre Mengele prevaleceram ao trabalho realizado pelo médico nazista no período da Segunda Guerra, com suas experiências em seres humanos no campo de concentração. Isso se deve porque, com o final da guerra, por meio de documentos, registros oficiais e relatos de sobreviventes, além das reproduções em filmes, livros, documentários e reportagem que circulam que relatam a vida de Mengele, as pessoas puderem ter acesso ao trabalho realizado pelo médico e as lembranças remetem-se à aos discursos nos métodos cruéis, violência, terror e injustiça que são difundidas sobre o médico. É importante destacarmos que, entre os colaboradores, o nome “Josef Mengele” também é lembrado em Mamborê, sendo vinculado à pessoa de Josef Kanat, indicando como as duas identidades estão interligadas nesse contexto.

As duas questões seguintes referem-se a Josef Kanat. Essas questões tinham como objetivo identificar nos colaboradores os discursos que são representados nas recordações sobre a passagem de Kanat no município. A primeira questão desse bloco foi: “Você já ouviu falar de Josef Kanat?”. 75,1% dos colaboradores responderam que já ouviram falar sobre ele e 37% que não. Entre os colaboradores que não tinham conhecimento sobre a passagem de Kanat no município, identificamos que eram os estudantes com faixa etária de 15 a 19 anos. Na pergunta seguinte: “Você conhece alguma história ou possui alguma memória sobre a

---

<sup>78</sup> Colaborador 78, 60 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>79</sup> Colaboradora 176, 55 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>80</sup> Colaboradora 72, 63 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>81</sup> Colaborador 105, 16 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>82</sup> Colaborador 183, 20 anos, residente no município de Roncador – PR.

passagem de Josef Kanat no município de Mamborê e região?”, entre os relatos nessa questão, os colaboradores pautaram-se também nos discursos dos métodos cruéis que trouxeram dor, tristeza, brutalidade, mutilações, semelhanças em relação à aparência física e personalidade entre Kanat e Mengele e as histórias sobre os pacientes que sofreram mãos do médico. Os relatos dos colaboradores: “parecia que ele não era médico, pela frieza e talvez crueldade do mesmo”<sup>83</sup>; “ele fazia cirurgias invasivas e sem o uso de sedativo ou anestesia, era visto como um médico normal, que não gerava outras suspeitas”<sup>84</sup>.

Outros relatam aparecem com as características de Mengele: “Ouvi também sobre supostas experiências que incentivariam de alguma forma que mulheres tivessem filhos gêmeos, porém não souberam explicar que procedimento era este”<sup>85</sup>; “Dizem que ele morava em uma casa com um porão com passagens subterrâneas para possíveis fugas, se descoberta sua verdadeira identidade”<sup>86</sup>. Nesse bloco de questões, analisamos como os discursos sobre a atuação de Mengele no período de guerra foram sendo assimiladas com as práticas negligentes de Josef Kanat. As experiências de Mengele com as mulheres e a questão das fugas fazem parte também dos discursos impostos à figura de Kanat.

Na sequência das perguntas, destinou-se uma questão de múltipla escolha e aberta, em relação ao acesso do tema entre os colaboradores. Nela, o objetivo era identificar como os colaboradores tiveram acesso ao tema. A partir da pergunta: “Como você teve acesso ao caso de Josef Mengele/Josef Kanat em Mamborê?”. Foi possível ter um panorama de como os colaboradores adquiriram acesso com a temática, representada no Gráfico 2.

---

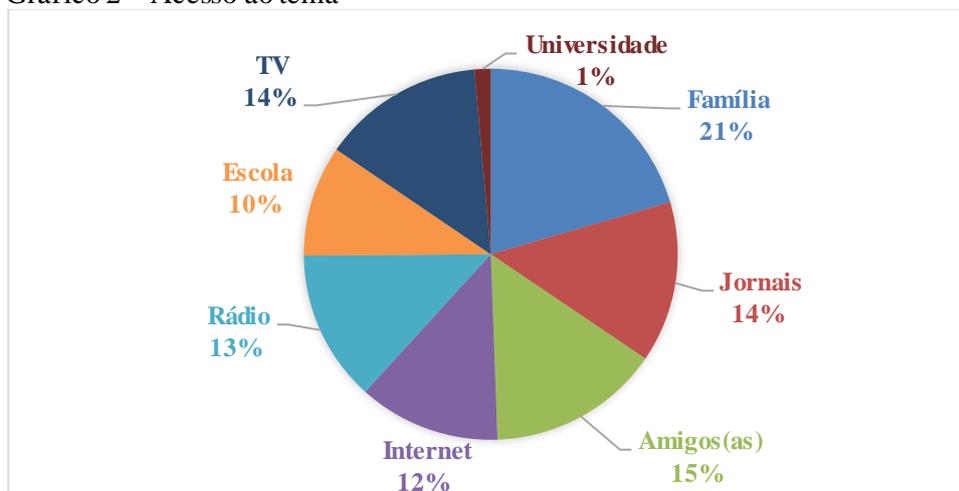
<sup>83</sup> Colaborador 3, 55 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>84</sup> Colaborador 4, 58 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>85</sup> Colaborador 159, 25 anos, residente no município de Campo Mourão – PR.

<sup>86</sup> Colaborador 2, 27 anos, residente no município de Mamborê – PR.

Gráfico 2 – Acesso ao tema



Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as respostas dos colaboradores, observa-se que a família, com 21% das respostas selecionadas, foi um importante meio para que tivessem contato com o tema. Outras formas de acesso ao tema foram por meio dos amigos (15%), jornais e TV (14%), rádio (13%), internet (12%), escola (10%) e a universidade com (1%).

Nesse caso, conforme observamos anteriormente, a memória familiar foi um importante fator no processo de compartilhamento desse passado entre as gerações e, assim, destacamos o papel das famílias no processo de reprodução do tema, como relatou os colaboradores: “nunca vi nada em reportagens ou algo do tipo, mas acredito porque meus avós moram aqui há muito tempo”<sup>87</sup>; “a família comentando foi mais significativo”<sup>88</sup>. Nesse sentido, interpretamos, a partir de Maurice Halwachs (1990), que os fatos e as ideias que são recordadas facilmente são de áreas e espaços comuns e que “[...] essas lembranças existem para ‘todo o mundo’ nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando o desejamos”<sup>89</sup>. E essas memórias compartilhadas foram importantes para os colaboradores conhecerem e terem acesso ao caso sobre Josef Kanat/Mengele em Mamborê que impactaram, inclusive, suas opiniões sobre esse passado, conforme será abordado na questão seguinte.

Na sequência das perguntas, optamos por questionar o participante sobre a opinião pessoal em relação à possível passagem de Mengele pelo município sob a identidade de Kanat. Após a coleta e tabulação dos dados coletados nessa questão, observamos entre os relatos que

<sup>87</sup> Colaborador 8, 35 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>88</sup> Colaborador 80, 32 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>89</sup> HALBWACHS, 1990, p. 66-67.

circulam no município sobre esse passado que prevalecem grupos os quais narram os motivos que consideram que Josef Kanat era Josef Mengele, e outros, que desconsideram essa hipótese.

Os dados revelaram que 47% dos colaboradores registraram que acreditam que Josef Mengele passou pelo município, 42% pensam o contrário e 11% ficaram em dúvida. Entre as opiniões afirmativas sobre a passagem de Mengele, os colaboradores relatam: “por ser uma cidade de interior com pouca população, seria um bom local para se esconder”<sup>90</sup>; “diante das histórias e relatos, acredito que era Mengele mesmo”<sup>91</sup>; “provavelmente sim, porém, ao longo dos anos, sua identidade foi esquecida ou encoberta”<sup>92</sup>; “várias pessoas presenciaram e vários fatos com testemunhas, algumas características nazistas”<sup>93</sup>; “é algo possível, levando-se em consideração a sua atuação na Segunda Guerra Mundial”<sup>94</sup>.

Analisamos que entre as opiniões públicas sobre esse passado, entre os colaboradores que declaram que Josef Mengele teria residido no município, basearam-se nas memórias dos pacientes de Kanat ou por membros da família que recordam e compartilham esse passado frequentemente.

E assim, os discursos que compartilham as memórias sobre os atendimentos monstruosos de Kanat, ele considerado estrangeiro e com características alemãs, além da forma suspeita que deixou o município, podem ter colaborado para consolidar a imagem de Mengele pelo município entre os colaboradores. O médico nazista foi, então, associado com as práticas negligentes de Josef Kanat em Mamborê e permaneceram no decorrer dos anos entre esse grupo de colaboradores.

O segundo grupo de colaboradores, entretanto, relata que não poderia ser Josef Mengele, pela falta de técnicas médicas, que Kanat poderia ser um farsante, que não há documentos suficientes para declarar e que essas histórias podem ser apenas uma lenda, conforme os relatos: “Não, pois as técnicas utilizadas por Kanat eram incompatíveis com o perfil profissional de Mengele, haja vista que este era um médico experiente, não cometendo tais erros”<sup>95</sup>; “Não, talvez seja algum farsante ou um entusiasta de Mengele se passando, mas sendo ele não...”; “Não, pois não vejo qualquer relação do médico com a cidade. Acredito que ele estivesse em outro país”<sup>96</sup>; “Não, pois, naquela época, qualquer médico alemão poderia

---

<sup>90</sup> Colaborador 176, 35 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>91</sup> Colaborador 138, 14 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>92</sup> Colaborador 24, 29 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>93</sup> Colaborador 186, 33 anos, residente no município de Araruna – PR.

<sup>94</sup> Colaborador 182, 18 anos, residente no município de Terra Boa – PR.

<sup>95</sup> Colaborador 174, 26 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>96</sup> Colaborador 13, 29 anos, residente no município de Pato Branco – PR.

levantar suspeitas de ser ele, mas dificilmente seria”<sup>97</sup>; “Não, não existem fundamentos suficientes para comprovar, entretanto, se é foragido não pode deixar evidências reais no local, acredito que seja talvez uma história que se construiu na época e se perpetuou”<sup>98</sup>; “Acho improvável. A forma como Kanat praticava medicina não condiz com alguém que tenha estudado o assunto. Seu conhecimento parecia ter perfil ‘prático’, não tendo base teórica que o ampare, visto os erros que cometia”<sup>99</sup>; “Creio que não passou de uma lenda!”<sup>100</sup>.

Analisamos que os relatos dos colaboradores que opinaram não acreditar sobre a passagem de Mengele foram pautados a partir de outras experiências e contato sobre o tema, levando-os a refletirem sobre o caso sob uma nova perspectiva, por meio de outros fatos, fontes e evidências, confrontando e problematizando as memórias e os imaginários construídos e consolidados no município. Para Halbwachs:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (HALBWACHS, 1990, p. 34).

E assim, observamos que, apesar de haver a memória coletiva sobre a teoria da passagem de Mengele pelo município, com o tempo, houve também rupturas desse pensamento devido a novas informações e questionamentos. É importante destacarmos que, independente da opinião sobre Mengele em Mamborê, para nós, é relevante observar como esse caso tornou-se público em uma pequena cidade do interior do Paraná e se solidificou com o tempo nas memórias e imaginários da população local e regional. Assim, percebemos como as memórias desse passado são mutáveis, passíveis de questionamentos, mas que também se solidificaram entre os sujeitos e na comunidade, devido à familiaridade de quem as compartilhou e narrou.

No processo da pesquisa, procuramos também analisar outras fontes que são utilizadas para alimentar os discursos sobre Mengele ser Kanat disfarçado e, nesse caso, destacamos o uso das fotografias. Os moradores encontraram apenas duas fotografias em que ele está presente, e elas são frequentemente usadas em discursos sobre as semelhanças físicas entre Kanat e Mengele. Essas fotografias foram registradas nas Bodas de Prata de Dileta Domingues Ciconello e Giacomo Ambrósio Ciconello, que ocorreu no dia 14 de fevereiro de 1956, em

<sup>97</sup> Colaborador 17, 34 anos, residente no município de Mamborê – PR.

<sup>98</sup> Colaborador 48, 23 anos, residente no município de Campo Mourão – PR.

<sup>99</sup> Colaborador 33, 47 anos, residente no município de Campo Mourão – PR.

<sup>100</sup> Colaborador 53, 31 anos, residente no município de Mamborê – PR.

Mamborê<sup>101</sup>. Nas fotografias, encontram-se Giacomo, Theodomiro Tiburcio, Padre Guilherme, Dileta, Ione, Darci Veiga, João Seratiuki e Josef Kanat.

Figura 3 – Josef Kanat em 1956 em Mamborê



Fonte: Acervo da autora. Grifos da autora.

Figura 4 – Josef Kanat em 1956 em Mamborê, de costas



Fonte: Acervo da autora. Grifos da autora.

Na primeira imagem, é possível observar Josef Kanat sentado de lado e com trajes sociais na cor branca. Seu rosto, no entanto, não possui boa qualidade, estando fora de foco e um pouco distorcido, mas aparece seu bigode, sendo ele muito utilizado nas comparações entre Mengele. Na segunda imagem, Kanat aparece em outro ângulo, em que aparece apenas suas costas e sua cabeça por trás, sendo possível identificar possíveis cabelos brancos nas pontas. Sendo uma pessoa importante para o município naquele período, conforme relatos dos moradores da época, era comum Kanat ser convidado para as festividades familiares, apesar

<sup>101</sup> Cópia fornecida por membros da família. Não obtivemos informações do fotógrafo que registrou aquele momento. Na busca por informações sobre Kanat, verificamos que ele não deixou muitos vestígios sobre sua permanência na cidade.

de não frequentar muito as festas e ter uma vida social ativa. A primeira fotografia foi utilizada no decorrer dos anos em comparações com a imagem de Josef Mengele, mas, devido à baixa qualidade da imagem, por meio dela não é possível afirmar a passagem do médico nazista pelo município.

É relevante considerar a importância das fotografias para os discursos que foram se construindo sobre Kanat e Mengele. As únicas fotografias de Josef Kanat no município foram reproduzidas em diversos meios de comunicação e usadas como provas. Contudo, analisamos que as comparações de Kanat com a fotografia de Mengele representaram além da imagem registrada, pois são carregadas de discursos e mensagens, alimentadas por supostas semelhanças entre as características físicas e comportamentais dos dois médicos. As fotografias em que Kanat está presente, por exemplo, foram empregadas para reforçar a aparência física de Mengele, por meio da feição do rosto e do marcante bigode que os dois médicos utilizavam. Para a historiadora Ana Maria Mauad (1996), a interpretação da fotografia ocorre por um resultado de um trabalho social, com a produção de sentido pelos sujeitos sendo pautada por códigos e assumindo “[...] funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem”<sup>102</sup>. Ainda, com o apoio das fotografias, as pessoas recordam comportamentos de Kanat, como o médico andar batendo os calcanhares, ser uma pessoa reservada e gostar de falar sobre carpintaria. O fato de Kanat não ter uma vida muito ativa nas festas da comunidade, foi motivo também da vinculação a discursos que ele estaria se escondendo de algo. Para além da imagem fotográfica, analisamos que as fotografias foram gatilhos na promoção dos discursos sobre o caso, pois, para Mauad (1996), por muito tempo a fotografia foi considerada como prova infalsificável, sendo associada à identificação<sup>103</sup>.

Com os dados da consulta pública e as hipóteses preliminares da pesquisa, identificamos que, além das memórias e fotografias, outros mecanismos foram utilizados para recordar esse caso, promover o acesso ao tema e produção de discursos, como os meios de comunicação, que foram importantes para solidificar e narrar esse caso para o público.

Identificamos que as suspeitas das identidades entre Kanat e Mengele começaram a ser compartilhadas nos meios de comunicação no Brasil em meados dos anos de 1961. Essa suposição circulou nos meios de comunicação devido à prisão de Kanat no Mato Grosso, sob a suspeita de ser o médico nazista. E, para compreendermos como ocorreu essa vinculação e

---

<sup>102</sup> MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, 1996, p. 7.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 3.

a circularidade desta hipótese, no tópico a seguir, apresentamos as notícias de jornais que compartilharam a prisão de Kanat na década de 1960 e como ela ganhou mais força a partir da década de 1980 no município de Mamborê, perdurando nos anos seguintes.

### 1.3 Discursos sobre Josef Kanat e Mengele nos meios de comunicação

Os meios de comunicação, desde 1961, já compartilhavam as informações sobre as identidades de Josef Mengele e de Josef Kanat. Essa vinculação começou a ser difundida a partir do acontecimento da prisão de Kanat em 1961 em Ponta-Porã. Ao ter acesso a jornais que publicaram a prisão, observamos que os textos possuem vários discursos que foram selecionados para que vincularam sua identidade à de Josef Mengele em 1961 e, também, jornais que, no decorrer dos anos, difundiram esse tema, que colaboraram para reforçar que Kanat poderia ser Mengele. Eni Orlandi aborda que

É preciso lembrar que o acontecimento é apresentado pela mídia depois que ele passou por um processo de formatação, de apresentação de sentido, processo a que é submetido o acontecimento pelos operadores da mídia. Um fato ocorrido em qualquer lugar do mundo não se transforma em acontecimento sem que haja um tratamento da informação, sem uma retórica produzida pelos órgãos de imprensa, dando à ocorrência um discurso que lhe dá conotação de realidade entendida e apreendida pelo público (ORLANDI, 2019, p. 60).

Quando Josef Kanat foi preso em Ponta-Porã no Mato Grosso sob a suspeita de ser o médico nazista Josef Mengele, a notícia da prisão ganhou destaque em jornais nacionais e internacionais. Nesse caso, observamos que sob a acusação de ser o médico nazista, a escolha para apresentar ao público a prisão de Kanat foram selecionados discursos afirmativos que se tratava sobre Mengele, como é possível analisar nos títulos das matérias “Anunciada a prisão de Mengele no Mato Grosso<sup>104</sup>”; “Tudo faz crer que Mengele foi preso”<sup>105</sup>; “Polícia: aumenta certeza que Kanat é Mengele”<sup>106</sup>. É importante destacar, conforme Orlandi:

O texto é uma unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. Mas é também, e sobretudo, espaço significante: o lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação (ORLANDI, 2019, p. 72).

<sup>104</sup> ANUNCIADA a prisão de Mengele no Mato Grosso. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 22 jul. 1961.

<sup>105</sup> TUDO faz crer que Mengele foi preso. **Jornal do Comercio**, Rio de Janeiro, 22 jul. 1961.

<sup>106</sup> POLÍCIA: aumenta certeza que Kanat é Mengele. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 22 jul. 1961.

E o que nos chamou a atenção foi a forma como os textos e conteúdos das matérias foram apresentados ao público. Entre os jornais, observamos que há o destaque na prisão de Josef Mengele nas páginas, mas o conteúdo difere das afirmações inseridas nos títulos e manchetes. Como no caso do jornal *Última Hora* do estado do Rio de Janeiro, publicado em 22 de julho de 1961, com o título “Médico-monstro Mengele prêso em Mato Grosso”, conforme figura a seguir.

Figura 5 – Foto da manchete sobre a Prisão de Kanat



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional Digital.

O jornal *Última Hora* não circulava apenas no Rio de Janeiro. Entre as décadas de 1950 e início de 1960, tinha edições em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Niterói, Curitiba, Campinas, Santos, Bauru e no ABC Paulista<sup>107</sup>. Assim, esse conteúdo circulou nas regiões que representavam o jornal, utilizando a mesma forma de discursos nas

<sup>107</sup> ANTONIO, Mariana Dias. Última hora: (auto)consagração e mitos de um jornal. 4º CONEC – Congresso Nacional de Estudos Comunicacionais, 2019, p. 279-280.

matérias, destacando a prisão de Mengele e, na sequência, o conteúdo com as informações e suposições do caso.

Na imagem ilustrativa, nota-se há destaque do título enfatizando a prisão de Mengele no Mato Grosso com apoio de uma fotografia. Abaixo do título, apresenta ao leitor que havia sido preso o indivíduo apontado como o Dr. Joseph Mengele, carrasco nazista de Auschwitz, e que o médico estava sendo caçado há tempos e sua presença no Brasil foi dada como certa. Na página que segue o conteúdo da matéria, novamente há a afirmação da prisão do médico nazista no Mato Grosso. Esse título possui destaques com letras maiúsculas e que se sobressaem do restante das informações que estão presentes na matéria. O conteúdo, no entanto, apresenta apenas suposições que Kanat seria Josef Mengele, características físicas, idiomas falados por Kanat, a vida dele no Brasil e as penalidades que ele sofreria caso fosse realmente comprovada a identidade.

Nessa primeira leitura, podemos interpretar que essa manchete, em sua composição, mobiliza sentidos de justiça para aqueles que esperam que Mengele fosse preso. Mas o que nos propomos a analisar é ir além do que está escrito e dito, analisando o que esse acontecimento da prisão e sua reprodução representaram no decorrer dos anos, alimentando teorias e imaginários sobre a verdadeira identidade de Mengele e sua trajetória no Brasil sob identidades falsas.

Na sequência das investigações em 1961, Josef Kanat foi solto da prisão, pois não havia provas suficientes para afirmar que era Mengele. Os discursos foram acompanhando os acontecimentos das investigações. Com isso, as notícias foram se moldando conforme os acontecimentos e sendo apresentado os motivos que Kanat não era Mengele. A desconstrução da hipótese que Kanat era Mengele foi sendo gradativa nesse período e foram registradas nos jornal *Diário da Noite*, *Le Monde* e no *Boletim Diário Dayli News Bulletin*.

No jornal *Diário da Noite*, por exemplo, o conteúdo inicia abordando a prisão do falso Mengele em Ponta Porã, em Mato Grosso, que chamou atenção do público nacional e internacional, mas que Kanat não passava de um aventureiro tcheco, nascido em Podebrezova, e que chegou ao Brasil em 1954. Conforme a notícia, Kanat viveu o período nazista de Hitler. Não possuindo profissão definida, tendo apenas práticas de enfermagem, não conseguiu sobreviver no Rio de Janeiro, indo então para Goiânia para trabalhar como ferreiro e também fazendo curandeirismos em São Paulo ao montar uma clínica em São Caetano do Sul, onde clinicava ilegalmente. Até ser preso, a reportagem narra que Kanat sobreviveu com as reservas financeiras que obteve com o trabalho ilegal da medicina, morando em Curitiba, Ivaí, Ipiranga e Londrina. No item sobre a identificação, o jornal relata que Kanat foi identificado pelo chefe

da Interpol, delegado João Amoroso Neto, em São Paulo, junto a um cidadão judeu de Belo Horizonte, que foi interno de um campo de concentração nazista. Conclui-se na matéria que Kanat não era membro da SS, pois não possuía a tatuagem característica da organização<sup>108</sup>.

O jornal *Le Monde*, em 1961, também registrou a prisão de Kanat, publicando o material com o título “Homem que poderia ser o Dr. Mengele preso no Brasil”. Na matéria, há relatos da captura de Kanat, onde ele portava instrumentos cirúrgicos, uma pistola e um pente. Além disso, descrevem Kanat sendo loiro, com barba e o rosto marcante. Na matéria, Kanat nega as acusações, relata que seu pai trabalhava como cardiologista perto de Praga e que não gostava de falar sobre o seu passado porque havia sofrido nas mãos dos comunistas. Para sobreviver, Kanat exerceu ilegalmente a medicina, portando um diploma obtido no Paraguai, no entanto não o podia exibir. No final do material, há uma menção sobre os vários falsos Mengeles que foram presos no Brasil e que o pedido de extradição já estava ocorrendo quando o verdadeiro médico nazista fosse capturado<sup>109</sup>.

Na sequência das fontes doadas por colaboradores, no período de 1960, há uma menção no Boletim *Diário Dayli News Bulletin*, de 25 de julho de 1961, com o título “Liberação da Polícia Brasileira – Médico suspeito de ser Dr. Mengele”. Nesse boletim, consta uma breve nota sobre o subchefe da polícia, João Amoroso Netto, que havia ordenado a libertação de Kanat, justificando que não havia provas o suficiente para afirmar que Kanat era Mengele. Em seguida, apresenta-se o trabalho de Mengele em Auschwitz, com suas experiências em seres humanos<sup>110</sup>.

Essas fontes compartilham as informações da prisão de Josef Kanat sob a acusação de Josef Mengele, na qual Kanat consegue provar que não era Mengele. Essas matérias pautam-se nas desconstruções das hipóteses sobre Mengele ser Kanat, contudo não tivemos a informação da circularidade desse conteúdo no Brasil.

A vinculação entre as identidades de Kanat e Mengele não encerraram após a desconstrução do caso e continuaram sendo compartilhadas através de memórias e difundidas nos meios de comunicação. Na década de 1980, por exemplo, Josef Mengele passou a ser noticiado novamente nos meios de comunicação devido às informações encontradas sobre a morte do nazista em São Paulo. A imprensa nacional voltou a divulgar as informações sobre

---

<sup>108</sup> NOITE, Diário da. **Joseph não é Mengele**, p. 3, 1961. Disponível

em: [http://memoria.bn.br/pdf/221961/per221961\\_1961\\_11868.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/221961/per221961_1961_11868.pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>109</sup> MONDE, Le. **Arrestation au Brésil d'un homme qui pourrait être le Dr Mengele**, 1961. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/archives/article/1961/07/24/arrestation-au-bresil-d-un-homme-qui-pourrait-etre-le-dr-mengele\\_2265364\\_1819218.html](https://www.lemonde.fr/archives/article/1961/07/24/arrestation-au-bresil-d-un-homme-qui-pourrait-etre-le-dr-mengele_2265364_1819218.html) Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>110</sup> PHYSICIAN suspected of being dr. Mengele. **Daily News Bulletin. Brazilian Police Release**, jul. 1961. Acesso em: 10 ago. 2020.

Mengele e que ele poderia ter passado em algumas regiões do país, como no município de Mamborê, interior do estado do Paraná, antes de sua morte em 1979.

Nesse período, com a intensa publicidade sobre Josef Mengele nos meios de comunicação, ocorreram buscas por informações sobre resquícios deixados por Kanat em Mamborê que pudessem reforçar que o médico nazista passara por lá. Na região paranaense, as teorias de que Kanat poderia ser Mengele voltaram a ser difundidas no público local de Mamborê. Porém, havia poucas fontes que pudessem comprovar que Josef Kanat era Josef Mengele disfarçado.

Nesse contexto, alguns jornalistas foram atrás dos moradores de Mamborê e da região e trabalharam com as poucas informações retiradas de depoimentos de antigos moradores do município. Entretanto, alguns relatos possuíam memórias e opiniões divergentes. Diante disso, não sendo possível confirmar a passagem de Mengele pelo município, o trabalho jornalístico voltou-se para o mistério e discursos sobre a possível passagem de um médico com as características de Josef Mengele, como a reportagem do *Jornal Cruzeiro do Oeste*<sup>111</sup>.

Essa reportagem investigativa foi produzida em 1981 e tratava sobre Josef Kanat e Mengele na região de Campo Mourão e Mamborê. Na primeira parte da reportagem, enfatiza-se o trabalho exaustivo do repórter na busca de informações sobre o médico nazista, inclusive, constando que o repórter foi perseguido ao realizar essa matéria. Na página seguinte, sob o título “Inúmeras pessoas em lugares diferentes reconheceram o retrato de um misterioso Dr. Kanat na fotografia de Mengele”, a matéria diz que “João e Rosa Krapiec, no aeroporto de Campo Mourão, reconheceram, no retrato falado de Mengele, certo ‘Dr. Kanat’ que clinicara em sua cidade”, o bigode marcante, as sobrancelhas e a recordação que aquele homem andava mancando serviram de base para as comparações. Além disso, mais três testemunhas foram apresentadas confirmando que Kanat era o médico nazista Josef Mengele<sup>112</sup>.

A reportagem investigativa reforçou, com a utilização das fotografias, a mensagem do fato de Mengele ser o médico alemão Josef Kanat disfarçado. Essas afirmações foram suficientes para que se chegasse à conclusão definitiva da reportagem, apontando que, em diferentes lugares, com diferentes pessoas, Mengele havia sido reconhecido por meio do retrato de Kanat. Ao final da matéria, concluiu-se que “a sombra de Mengele, que atravessou todos esses anos no mais denso mistério, foi localizada”<sup>113</sup>.

---

<sup>111</sup> Jornal **O Cruzeiro**, p. 129, ed. 41, 22 jul. 1981.

<sup>112</sup> Registro realizado pelo jornal **O Cruzeiro**, p. 128, ed. 41, jul. 1981.

<sup>113</sup> Registro realizado pelo jornal **O Cruzeiro**, p. 129, ed. 41, jul. 1981.

Ana Maria Mauad (1996) aponta que “[...] nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem”<sup>114</sup>. A imagem representada pela fotografia rememorou o passado, iniciando um processo que “[...] se reconstrói, de modo que, associada às outras imagens-ideias, constitui-se imaginários coletivos e individuais, formando uma nova arquitetura dos saberes pessoais e grupais”<sup>115</sup>. Com isso, essas imagens fotográficas, ao serem comparadas, fizeram parte das memórias individuais e coletivas sobre a suposta passagem de Mengele, e também diante de outras formas simbólicas de discursos.

Dentre outros trabalhos jornalísticos publicados e disponíveis, encontra-se a matéria intitulada “Um carrasco em Mamborê”<sup>116</sup>. Não há informações sobre a data e autoria da publicação, contudo ela reporta que, após quarenta anos, os moradores se lembram da passagem do médico nazista Josef Mengele pelo município. Na respectiva matéria, aparecem testemunhos, como os dos pacientes atendidos por Josef Kanat e de um amigo próximo no período em que residiu em Mamborê.

No início do texto, é relatado o sofrimento da senhora Íris Fantin, que, após seu parto, permaneceu com dores, sendo obrigada a realizar, anos depois, outra cirurgia para reparar erro médico. Sua filha, Zilda Fantin, teve uma orelha cortada. Com a repercussão do caso, a família Fantin teve sua vida profundamente alterada, e Zilda precisou lidar com o apelido “a filha de Mengele”. Na continuidade da matéria, há o registro do depoimento de Daniel Miranda, considerado amigo de Kanat. Para Miranda, “pelos fotografias que a imprensa mostrou do carrasco nazista, não podia ser ele”. Além disso, na matéria, Daniel Miranda tinha contato com o médico alemão quando esse saiu do município, e possuía um telegrama datado em 1957, no qual o convidava para seu casamento que seria realizado no Paraguai. Contudo, Daniel Miranda não sabia se ele estaria vivo no Paraguai.

Ao analisar a matéria, observamos que, no texto inicial, se apresentavam afirmações sobre a passagem de Mengele em Mamborê presentes no título e no subtítulo. Na sequência, há o apelo do sofrimento e das marcas deixadas pelos procedimentos cirúrgicos não convencionais causadas pelo médico na senhora Íris Fantin e sua filha, Zilda Fantin. O depoimento de Daniel Miranda traz detalhes da amizade entre os dois e o posicionamento que Kanat não poderia ser Mengele. Contudo, mesmo ocorrendo divergências de opiniões sobre

---

<sup>114</sup> MAUAD, 1996, p. 15.

<sup>115</sup> CASTRO, Gustavo de. **Mídia e imaginário**, São Paulo: Annablume, 2012, p. 16.

<sup>116</sup> UM carrasco em Mamborê. **História**. Pauta 14-15, março/sem ano.

as identidades, do início ao final da reportagem, há o posicionamento afirmativo que Mengele havia passado pelo município.

Consistindo em um assunto polêmico carregado de memórias e sem um resultado final, o tema é constantemente reproduzido na mídia, tendo as reportagens mais recentes sobre a temática sido publicadas pelo jornal *Tribuna do Interior*, de Campo Mourão (2010 e 2011)<sup>117</sup>. O jornal da região da Comcam, *Tribuna do Interior* de Campo Mourão, produziu nos anos 2010 e 2011 duas matérias sobre Kanat e Mengele em Mamborê<sup>118</sup>. A reportagem de 2010 é intitulada “Supostas vítimas de Josef Mengele ainda guardam marcas e lembranças”. Nessa reportagem, identifica-se novamente o título apelativo, com discursos afirmativos que Mengele havia passado pelo município e ainda deixado supostas vítimas.

Na reportagem de 2011, observa-se novamente o trabalho jornalístico investigativo do caso que visava tão somente a comprovar que Josef Kanat era Josef Mengele, além do título ser provocativo: “O preço das mãos nazistas”. O jornalista Dilmércio Daleffe realizou a reportagem em Mamborê e, após a entrevista com os moradores, obteve a informação da existência de uma certidão de óbito de uma jovem de 19 anos em que havia a assinatura de Josef Kanat. Para além desses dados, o jornalista buscou informações no Conselho Regional de Medicina do Paraná para verificar se Kanat era mesmo médico. No entanto, não teve sucesso em sua busca, pois o primeiro registro de médico no Paraná apresentado pelo órgão ocorreu apenas no ano de 1958.

Além dos jornais impressos e digitais, reportagens em programas de TV foram reproduzidas abordando a suposta passagem do médico nazista no município de Mamborê. Nesse caso, destaca-se a reportagem da *Rede Globo Estadual* (RPC) publicada em 2013<sup>119</sup>, a qual investigou a possível passagem de Mengele pelo Paraná e enfatiza no título: “Cruel médico nazista teria se escondido durante anos em Mamborê”. Essa reportagem foi realizada com o relato de alguns moradores de Mamborê sobre a vida de Josef Kanat e sua vinculação à imagem de Josef Mengele. A entrevista se baseou nas fotografias e depoimentos de alguns moradores do município e de uma professora da Rede Pública do estado do Paraná que realizou uma pesquisa sobre o tema. Nota-se que o depoimento dos pacientes de Kanat foi

---

<sup>117</sup> MARCIO, Antonio. Supostas vítimas de Josef Mengele ainda guardam marcas e lembranças. **Tribuna do Interior**, Cidades, 27 de junho de 2010. DALEFFE, Dilmércio. O preço das mãos nazistas, **Tribuna do Interior**, Cidades, Campo Mourão, 11 de set. 2011.

<sup>118</sup> MARCIO, Antonio. Supostas vítimas de Josef Mengele ainda guardam marcas e lembranças. **Tribuna do Interior**, Cidades, 27 de junho de 2010; DALEFFE, Dilmércio. O preço das mãos nazistas, **Tribuna do Interior**, Cidades, Campo Mourão, 11 set. 2011.

<sup>119</sup> MEU Paraná investiga a possível passagem de Mengele pelo Paraná: Cruel médico nazista teria se escondido durante anos em Mamborê. **Meu Paraná**. Curitiba, 23 de nov. 2013.

eternizado nas vozes de algumas pessoas, que guardaram suas memórias e recordações daquele passado traumático e agora reproduzem sua história com o intuito de não serem esquecidas.

Nessa reportagem, o que nos chamou atenção é a forma como ela foi conduzida e compartilhada. No primeiro momento, são apresentados o município e alguns relatos dos moradores sobre o caso. Na sequência, há o destaque para a fala de James. No final, traz o depoimento afirmativo da professora que descaracteriza Kanat sendo Mengele, junto ao depoimento de Zilda Fantin, que carrega as memórias sensíveis e traumáticas desse passado. Nesse roteiro, a condução da reportagem promove discursos que Mengele poderia ter residido em Mamborê, presentes, por exemplo, no próprio título.

Identificamos que, nos discursos compartilhados a respeito da suposta passagem de Mengele pelo município de Mamborê e difundidos por esses meios, há destaques apelativos com relação às imagens, lembranças e sofrimentos dos pacientes de Kanat. Alguns trabalhos divulgados com essas memórias deixam transparecer apenas o objetivo de ganhar as audiências, buscando manter o ar de mistério e interação com o público. Nota-se também que alguns materiais produzidos, por tratarem de um tema histórico e apresentarem uma história não resolvida e polêmica, são revisitados por esses profissionais a fim de dar continuidade às matérias.

Quando as pessoas têm contato com as histórias sobre a suposta passagem do médico nazista, acontece esse fenômeno cultural que ganha peso, promovendo diversos tipos opiniões e teorias. Acredita-se que as pessoas esperavam que fosse Mengele ou que suas próprias teorias se tornassem realidade, porque o simples fato daquele ser apenas um homem estrangeiro e ter causado negligências médicas não chama atenção no público. Mas um dos médicos nazistas mais cruéis da Segunda Guerra chama mais atenção, e esse caso alcança diferentes públicos. Ao analisar as fontes jornalísticas, por exemplo, há vários indícios que causam teorias conspiratórias sobre esse passado. Os discursos presentes até aqui revelam também desejos de justiça por aqueles negligenciados por Kanat, pois, devido à possibilidade de ele ser o médico nazista, isso atrairia um público mais amplo, e assim, seria mais fácil conseguir justiça por aqueles que sofreram nas mãos de Kanat.

No capítulo seguinte, apresentamos os procedimentos de investigação da pesquisa por meio do direcionamento das perspectivas da História Pública e como esse processo nos aproximou do olhar sensível desse passado. Podendo, assim, compartilhar com o público esse passado traumático em âmbito local, com o olhar e escuta sensível de sujeitos que sofreram violações dos seus direitos básicos de atendimentos médicos; violações que foram esquecidas

no decorrer dos tempos em decorrência do interesse da grande parte do público e dos meios de comunicações em apenas buscar informações e comparações para constatar a passagem de Josef Mengele pelo município.

## CAPÍTULO 2

### O SUPOSTO MENGELE E OS PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO COM O PÚBLICO

Para investigarmos a suposta passagem do médico nazista Josef Mengele pelo município de Mamborê – PR, fomos ao encontro do público seguindo as reflexões teóricas e metodológicas da História Pública. Desse modo, neste capítulo apresentamos todo o processo de investigação que construímos com o público de Mamborê e região, por meio da ação da consulta pública, mídias sociais, o trabalho com os meios de comunicação e entrevistas orais, que utilizamos para identificar os discursos que foram construídos sobre este caso. E nesse processo, identificamos também que esse passado carrega memórias sensíveis, sobre as quais buscamos refletir nesta dissertação.

No primeiro momento, abordamos breves considerações e reflexões sobre a História Pública, através de leituras e trocas de experiências de diferentes historiadores e historiadoras sobre esse movimento que contribuíram para que esta pesquisa pudesse alcançar o público destinado, de forma colaborativa, participativa e reflexiva. Na sequência, discutimos sobre o processo de como utilizamos a vertente da História Pública a partir da temática sobre a suposta passagem do médico nazista no município. Apresentamos, no final desta dissertação, uma entrevista realizada com a ex-moradora do município, Zilda Fantin, que compartilhou as memórias de sua família sobre esse passado e suas experiências ao descobrir que o médico que fez seu parto poderia ser um médico nazista.

#### **2.1 História Pública: algumas considerações**

A História Pública pode parecer um conceito novo, mas ela já era exercida em diversas práticas entre os historiadores. Contudo, esse termo ganhou destaque na década de 1970 nos Estados Unidos quando o historiador Robert Kelley traz à tona esse termo, em decorrência da crise de desemprego entre os recém-formados em História no país, especificadamente na University of California, Santa Barbara. Nas abordagens de Kelley, a História Pública seria uma nova opção do historiador trabalhar e utilizar o método histórico fora do ambiente acadêmico, alcançando novos espaços e públicos distintos<sup>120</sup>. Rapidamente, a História Pública

---

<sup>120</sup> LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). Introdução à **História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 34.

acabou ganhando novos espaços e discussões em diversas regiões. É preciso frisar que a História Pública não possui um conceito concreto, ou nas palavras de Jill Liddington, o conceito é até mesmo “escorregadio”<sup>121</sup>. Em linhas gerais, a História Pública diz respeito à ação compartilhada do conhecimento histórico acerca do passado entre historiadores e sociedade, ou seja, é um movimento que aproxima diversos públicos à História, mediado pelos historiadores por diferentes formas e linguagens, em um processo mútuo de conhecimento histórico.

E nessa esfera, em cada região, os historiadores buscam interagir com o movimento da História Pública em diferentes frentes. A exemplo disso, temos a “História Pública em estilo australiano”<sup>122</sup>, que se desenvolveu, inclusive, como uma crítica ao modelo estadunidense, apesar de também preocupar-se com a questão da empregabilidade dos historiadores. Na Austrália, o movimento da História Pública atuou politicamente, tanto em teoria quanto na prática, com ações comunitárias, atuando em tribunais e repensando a própria história do país<sup>123</sup>.

No Brasil, Ricardo Santhiago (2016) reflete que a História Pública já era praticada por diversos historiadores, na qual é comum se deparar com questões relacionadas a uma prática já realizada, que apenas ganhou um novo nome<sup>124</sup>. Essa prática pode ser vista em consultorias em filmes, séries, jogos, no trabalho em museus, na produção e interação com usos das plataformas digitais e mídias sociais, na comunicação, até mesmo dialogando com áreas interdisciplinares. O método da História Oral, por exemplo, também pode ser considerado uma das frentes mais utilizadas no processo com o movimento da História Pública entre os historiadores brasileiros.

Santhiago (2016) aponta que um dos encaminhamentos do movimento da História Pública no Brasil pode estar entrecruzando entre quatro engajamentos, sendo eles: feita *para* o público, *com* o público, *pelo* público e *história e público*. Para o autor, a história sendo feita *para* o público diz respeito à ampliação das audiências; a história feita *com* o público é aquela história colaborativa que tem como base a “autoridade compartilhada”; a história feita *pelo* público é aquela história não institucionalizada dos sujeitos; e a *história e público* ocorre quando há reflexão e autorreflexão da história pelo público<sup>125</sup>.

---

<sup>121</sup> LIDDINGTON, 2011, p. 32.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>124</sup> SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana. Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo. R.; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 26.

<sup>125</sup> SANTHIAGO, 2016, p. 28-29.

O movimento da História Pública, desse modo, pode proporcionar ao historiador ações junto ao público, promovendo a participação e que suas experiências façam parte do processo, reconhecendo-os como sujeitos ativos na história. Com isso, ao invés do público absorver o passado mediado pelos diversos meios, o mesmo pode fazer parte do processo ativamente em um constante diálogo entre o historiador, sujeito e comunidade. Desse modo, o movimento que a História Pública propõe também aos historiadores é a reflexão para novas ações metodológicas em relação ao conhecimento histórico na busca por novos diálogos com o público não acadêmico. Conforme refletem também Almeida e Rovai (2011), “[...] talvez a principal diferença entre o que História Pública propõe e o que a academia produz seja a ampliação do espaço e do seu público, e aos usos do conhecimento”<sup>126</sup>. E isso requer ações conjuntas com participação efetiva de todos com possibilidades de ampliação, conservação e divulgação da história para amplas audiências.

De fato, a história em si já está presente no cotidiano da sociedade, nas relações culturais, políticas e sociais. O passado é mediado e expandido por meio de livros, matérias de jornais, televisão, novelas, rádio, redes sociais, museus, escolas, músicas, cinema, entre outros. O anseio de compartilhar a história e atingir diversos públicos já fazia parte das perspectivas da “Nova História”, a qual, através das participações de programas de TV, rádio e na transformação de livros em *best-sellers*, já era uma realidade nas décadas de 1970-80. Jacques Le Goff (1982), por exemplo, já refletia que a história teria um triunfo inegável em relação aos meios de comunicação para alcançar diferentes públicos. No entanto, observamos que, por muitas vezes, os sujeitos não fazem reflexões no tempo presente sobre questões do passado, ocorrendo somente à recepção dos conteúdos e temas históricos, ou ficando apenas em questões de curiosidades históricas.

O que percebemos também que não é apenas ampliar os grupos que já se interessam pelo passado, ou buscar atingir um grupo que não se interessa e carregá-los de informações e conteúdos históricos. Santhiago (2018) aponta que não é só criar um público e alcançar audiência, e sim uma mudança de postura diante do outro, que não é objeto, mas sujeito da investigação, da reflexão de suas experiências. Com isso, o público é convidado a participar do processo e da construção dialógica do conhecimento, e não apenas a consumir o produto final da pesquisa<sup>127</sup>. Como também reflete Marialva Barbosa (2016), a questão da História

---

<sup>126</sup> ALMEIDA, Juniele Rabelo de. ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo, Letra e Voz, 2011, p. 8-9.

<sup>127</sup> SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, 2018, 10.23, p. 286-309,

Pública não é apenas a ampliação do público que o historiador busca, “[...] mas de considerar a condição de consciência histórica dos que produzem história ao falar de um tempo considerado passado. Significa em última instância oferecer validade aos múltiplos discursos produzidos sobre o passado”<sup>128</sup>.

Nesse sentido, é preciso refletir como o passado chega aos diversos públicos e de que forma esses públicos se conectam com ele. E observamos que esse “conectar” o passado com o presente, buscando novas formas de aproximações e entrecruzando sujeitos e saberes históricos, tornou-se um esforço contínuo entre os historiadores e também uma das bases do movimento da História Pública. Além do mais, refletir os usos do passado no tempo presente requer uma reflexão individual, participativa e colaborativa entre os sujeitos em uma construção de sentido compartilhada, que perpassa até mesmo a óptica do historiador, uma vez que o presente molda as relações e transformações sociais. Dessa forma, a História Pública nos convida a repensar o passado em um processo cooperativo e de proporcionar formas de interação, participação e inserção do público sobre o passado no seu cotidiano e nas suas relações sociais, culturais e políticas.

E nessas perspectivas, o passado sendo rememorando *com* o público se torna uma reflexão colaborativa, participativa e inclusiva, que, ao invés do público consumir o passado, ele faz parte do processo ativamente em um constante diálogo entre o historiador, sujeito e comunidade. Dessa forma, esse novo caminho de conhecimento e prática em História pode produzir um processo de reflexão dos sujeitos com o passado que não está mais distante do seu presente. É nesse processo que o historiador convida o público para uma autoridade compartilhada, conforme Michel Frisch (2016), que implica em pensar em modos de produção de conhecimento histórico tecido no diálogo e na colaboração.

Inserido nesse dinâmico contexto, consideramos que uma das coisas mais importantes que a História Pública trouxe para reflexão está relacionada à postura de pensar e trazer o público para o debate em relação ao passado a partir das problemáticas do presente. O fazer história *com* o público é uma forma do público rememorar o passado junto com o historiador. E assim, o historiador amplia suas possibilidades de interações com o público, fortalecendo vínculos necessários para diálogos com linguagens acessíveis e reflexões em torno das questões históricas e problemáticas do presente.

Já o público pode compartilhar suas experiências históricas, dialogando com os conhecimentos produzidos dentro e fora das universidades, além de poder interagir,

---

<sup>128</sup> BARBOSA, Maria Iva. Imprensa e História Pública. In. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Ed.). **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. Letra e Voz, 2016, p.122.

rememorar o passado e compreender a sociedade atual por novas perspectivas e reflexões. É preciso compreender também que esse público não é homogêneo, mas multiplural, que possui particularidades, autoridades e reconhecimentos, e isso significa ir em busca de conhecer, atrair e instigar esses múltiplos públicos. A partir disso, é possível refletir melhores formas e estratégias para o debate dialógico e compartilhado, no qual o público também colabora e participa do processo de rememoração histórica. Além disso, consideramos que é preciso valorizar o *processo* de desenvolvimento das ações com o público, visto que é durante o processo dialógico e colaborativo com o público que o historiador, de fato, promoverá uma história compartilhada, em que estarão juntos construindo, problematizando e refletindo as questões intrínsecas do passado/presente.

A partir dessas considerações, no tópico a seguir, apresentaremos as experiências e reflexões realizadas nesta pesquisa por meio do movimento da História Pública. Consideramos que, a cada nova experiência do historiador, a partir desse movimento, são gerados novos posicionamentos com relação às ações na inserção dos públicos no debate sobre o passado e atuação do historiador na sociedade. E são nessas experiências também que se ampliam as discussões de História Pública, que não têm definição e objetivo únicos, mas que transformam o trabalho do historiador diante de seu objeto de estudo, com novos direcionamentos, visões, cuidados e sensibilidades com o passado e o público a qual pretende atingir.

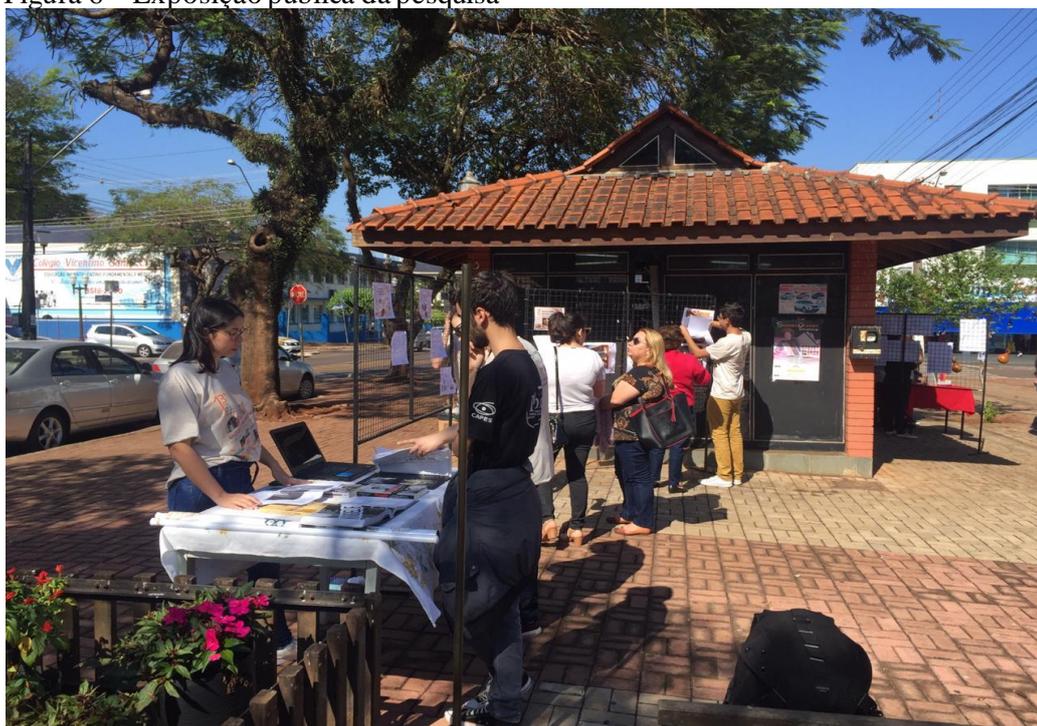
## **2.2 Procedimentos investigativos com o público por meio da História Pública**

Ao ingressar nas reflexões teóricas e metodológicas sobre a História Pública e compreendendo como ela vem se desenvolvendo nos diversos países do mundo com suas especificidades culturais e regionais, observamos que ela trouxe um novo “despertar” para o campo de reflexão, atuação e prática do historiador, por uma história mais colaborativa, participativa e acessível. Assim, consideramos que o movimento da História Pública proporcionou para a nossa reflexão e prática a promoção de conhecimento dialógico com o público na investigação do passado, que foram vivenciadas por meio de experiências fora do ambiente acadêmico, ocupando novos espaços, interagindo com outras áreas com o objetivo de inserir o público na produção do conhecimento histórico. Dessa forma, nesse movimento, foi possível ensinar, aprender, compartilhar, dialogar e, o mais importante, reinventar-se e redescobrir-se um mundo novo repleto de experiências e conhecimentos intocados.

Ao utilizar o método quali-quantitativo no processo da pesquisa, conseguimos explorar maneiras de divulgar o projeto por meio do diálogo com os meios de comunicação e contato pessoal com o público. Assim, consideramos para a pesquisa dois engajamentos abordados por Ricardo Santhiago, realizando uma história pública *para* o público, no caso, pensando a pesquisa através da divulgação, interação, e também desenvolvendo a pesquisa *com* o público, por meio da aplicação do questionário e entrevistas orais, e esse processo sendo realizado também, buscando proporcionar a autoridade compartilhada entre os participantes.

Entre as ações realizadas na pesquisa, a primeira experiência com o tema no movimento com a História Pública é referente à 13ª Primavera dos Museus: *Pop Up Museum* Compartilhando Histórias, sendo um evento promovido pelos mestrandos do programa, pela disciplina “Seminário de Pesquisa”<sup>129</sup>. O evento ocorreu no município de Campo Mourão, no Museu Municipal Deolindo Pereira, nos dias 23 a 29 de setembro de 2019, conforme Figura 6.

Figura 6 – Exposição pública da pesquisa



Fonte: Acervo da autora.

Entre as atividades do evento, uma delas referia-se à divulgação e ao contato interdisciplinar com os meios de comunicação. Assim, no primeiro momento, procuramos entrar em contato com jornalistas locais do município de Mamborê, com o objetivo de criar

---

<sup>129</sup> Disciplina supervisionada pelo professor Dr. Michel Kobelinski.

vínculos, solicitar parcerias, divulgações e ter mais contato com esse meio. Com isso, o jornalista local Vilson Olipa disponibilizou em seu site *TR Notícias* (um dos sites mais acessados entre os municípios mamboreenses) as informações do evento e a pesquisa apresentada. Na sequência, outras divulgações também ocorreram na região e compartilharam a informação, entre elas, foi anunciado em rádios locais e jornal impresso. A partir da divulgação, no dia do evento mamboreenses se deslocaram da cidade para prestigiar o evento e conhecer a temática que envolvia o município, como por exemplo as professoras Solange Ferreira e Selma Magalhães Teófilo, conforme Figura 7.

Figura 7 – Exposição pública da pesquisa



Fonte: Acervo da autora.

Essa primeira experiência com a divulgação e diálogo interdisciplinar com as áreas da comunicação, com público mamboreense e os que prestigiaram o evento, foi importante para sentir o movimento da História Pública, a prática de diálogo com o público diversificado e não acadêmico, e foi feita também para refletir a atitude de ir ao encontro do público e apresentar a pesquisa em uma linguagem diferente da utilizada dentro da academia.

Nos encaminhamentos da pesquisa, após realizar o levantamento prévio do tema através das fontes coletadas, como jornais, livros e também relatos de populares, observamos que o interesse sobre a suposta passagem de Josef Mengele em Mamborê não era apenas do público local, mas que chamava atenção também de públicos externos da região. Nesse momento, consideramos que a pesquisa poderia alcançar um público multirregional, então

adaptamos as ações para que eles pudessem colaborar com o estudo mesmo estando distante do município de Mamborê.

O contato com esse público multirregional e local foi por meio de uma consulta pública virtual. No primeiro momento antes de produzir o questionário de consulta pública, realizou-se o levantamento bibliográfico sobre o município em relação ao tema. Nessa etapa, foi possível compreender o que já havia sido discutido com a população em relação à suposta passagem do médico nazista em Mamborê e essa experiência possibilitou a produção do questionário de consulta pública.

A consulta pública tinha como objetivo identificar o que o público conhecia sobre esse passado, instigá-lo para o processo colaborativo da pesquisa e envolver a comunidade com a pesquisa, promovendo a participação e interação do público, troca de informações e reflexões entre ambas as partes. O público, ao ser envolvido, colaborou compartilhando seus conhecimentos e depoimentos, e foi convidado a participar do processo e da construção dialógica do conhecimento, e não apenas a consumir o produto final da pesquisa. Ao utilizar a consulta de opinião pública, buscamos analisar o que foi selecionado, destacado, inserido, esquecido e como permanecem nas memórias dos participantes que serão analisados na sequência. Além disso, com a ação da consulta pública, procuramos conhecer e ter um contato prévio com o público destinado, oportunizando um espaço para que as pessoas pudessem contribuir com suas experiências e memórias sobre o tema. Assim, o público, ao ser envolvido, poderia colaborar compartilhando seus conhecimentos e depoimentos.

Refletir sobre a opinião pública é estar diante de um cenário com diferentes sujeitos e públicos que sofrem variadas influências cotidianamente. No entanto, a pesquisa de opinião pública vem crescendo no universo acadêmico e em diversos setores da sociedade. Nesse sentido, consideramos fundamental promover reflexões em torno da opinião pública, pois compreende-se que ela não está isolada da sociedade ou que está sendo construída individualmente. Além do mais, é preciso refletir como as opiniões públicas se formaram sobre esse tema, considerando as influências das relações sociais, midiáticas, culturais e políticas, para compreender como elas foram sendo construídas entre a população no decorrer dos anos.

De acordo com Andréa F. Weber e Patrícia M. Pérsigo (2017), é importante destacar que a opinião pública é um conceito anterior das pesquisas de opinião, e isso faz com que se tenham dificuldades em conceituar o termo. Entende-se a opinião pública “[...] como a opinião

da maioria, de grupos sociais, a soma de opiniões individuais ou, até mesmo, como a soma de percepções similares sobre algo contabilizadas por meio de uma pesquisa”<sup>130</sup>.

Para Walter Lippmann (2008), a opinião pública está vinculada a essa opinião compartilhada dentro de uma coletividade na sociedade, envolvendo “[...] aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião pública”<sup>131</sup>. Ainda para o autor,

As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas (LIPPMANN, 2008, p. 40).

O historiador Jean-Jacques Backer (2003) relata que “[...] preocupar-se com a opinião pública não é uma ideia nova. Há muito tempo que as obras de história fazem alusão à opinião pública, ao espírito público”<sup>132</sup>. No entanto, Pierre Bourdieu (1973) aponta que, ao inserir uma pesquisa de opinião pública, pressupõe-se que todos os sujeitos possuem uma opinião sobre aquele tema questionado ou que ela está ao alcance de todos. Para o autor, supõe-se também que todas as opiniões têm o mesmo valor e, no caso, [...] “se colocar a mesma questão a todo mundo, está implícita, a hipótese de que há um consenso sobre os problemas, ou seja, que há um acordo sobre as questões que merecem ser colocadas”<sup>133</sup>. Apesar de o autor questionar e trazer diversos sobre a validade das pesquisas de opinião pública, percebemos que participação pública é uma forma democrática de ouvir os diversos sujeitos da sociedade sobre determinado tema de interesse público ou particular.

Reconhecemos que a pesquisa e consulta de opinião pública não é uma atividade atual ou novidade para o pesquisador, mas a participação pública é, para a História, uma forma democrática de ouvir os diversos sujeitos da sociedade sobre determinado tema de interesse público ou particular. Além disso, consideramos que para tornar a pesquisa de opinião pública significativa para o trabalho, é necessário refletir a forma de como ela será conduzida e como os resultados estarão disponíveis para os colaboradores.

<sup>130</sup> WEBER, Andréa Franciéle; PÉRSIGO, Patrícia Milano. **Pesquisa de opinião pública: princípios e exercícios**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2017, p. 7.

<sup>131</sup> Lippman, W. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 40.

<sup>132</sup> BACKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René; ROCHA, Dora. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 185.

<sup>133</sup> BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. **Les Temps Modernes**, Noroit (Arras), 1973, p. 1.

Ao utilizarmos a pesquisa de opinião pública, percebemos que alguns fatores influenciam a não participação e interesse da população. Isso pode ocorrer devido a rotinas agitadas, falta de interesse pelo tema, indisposições, questionários longos e que tomam muito tempo das pessoas. E com isso, observamos que, muitas vezes, as pessoas não se interessam ou não buscam colaborar com informações ao participarem de uma consulta pública. E assim, buscamos conhecer esse público e alcançá-lo, para que sua participação se torne voluntária e que ele se sinta parte da pesquisa e não só objeto de informações. Para isso, foi necessário ir ao encontro do seu público-alvo em diferentes frentes, com variadas metodologias e contatos interdisciplinares com outras áreas.

Devido à primeira experiência positiva com os meios de comunicação, buscou-se avançar em outras ações para alcançar o público mamboreense e convidá-lo a participar do processo da pesquisa que estava em andamento por meio desses contatos e vínculos realizados com os profissionais dessa área. E, para isso, entramos em contato novamente com os jornalistas locais do município para divulgação da pesquisa. Assim, as informações do projeto, com *link* do questionário da consulta pública e um *podcast*, foram disponibilizadas pelo jornalista local Wilson Olipa<sup>134</sup>. No site *Mamborê Hoje*, também foi publicada uma matéria abordando os objetivos da pesquisa e solicitando ao público mamboreense que colaborasse na consulta pública.

Optamos também, nesse processo com os meios de comunicação, por utilizar as mídias sociais. Ao usar esse recurso de divulgação, buscamos ir além da ação de compartilhar informações sobre o tema, interagindo com a população, ouvindo-a e envolvendo-a na pesquisa. Anita Lucchesi (2014) e Serge Noiret (2015) relatam que o uso das ferramentas digitais e da tecnologia e os avanços das redes de comunicações na internet podem fazer com que o historiador utilize essa área para as práticas de divulgação da história, além de promover a interação com o público nesse processo<sup>135</sup>. E concordamos que o meio digital possui potencialidades inexploradas e que “[...] vão muito além de simplesmente comunicar, acessar e processar dados: novos sentidos são criados em cada relação tecnologicamente mediada – sentidos retóricos, políticos, históricos”<sup>136</sup>.

Com o uso dos recursos tecnológicos e mídias sociais para interagir com o público, além de divulgar e compartilhar as informações e o *link* da consulta pública, diversas pessoas

---

<sup>134</sup> O *podcast* pode ser ouvido no perfil do Spotify “TR notícias”, episódio 8.

<sup>135</sup> LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 2, mar./abr. 2014, p. 45-57. NOIRET, Serge. História digital pública. **Liinc em Revista**, v. 11, 2015, p. 28-51.

<sup>136</sup> LUCCHESI, 2014, p. 47.

se dispuseram a colaborar e participar da pesquisa. Entre as colaborações do público naquele momento, houve os compartilhamentos da pesquisa nas mídias sociais, indicações de caminhos e pessoas que poderiam também contribuir com a pesquisa e diálogos sobre a temática, pois boa parte do público conhecia a temática e se interessava por esse passado.

É importante destacar que a atuação do historiador, diante desses novos espaços de comunicação e interação, está ganhando espaço no diálogo com o público, em que os sujeitos passam a ter acesso aos conhecimentos produzidos nas universidades. Com isso, os recursos tecnológicos associados às mídias e ferramentas digitais promovem diálogos possíveis em uma nova esfera pública de compartilhamento sobre a história e também possíveis diálogos interdisciplinares com o campo das comunicações e aproximações do público com as pesquisas acadêmicas. Mas essa prática carrega vários desafios. Bruno Leal (2018) relata que os historiadores profissionais ainda possuem uma participação tímida nos meios digitais em que, muitas vezes, a autoridade na produção dos discursos do passado está fragmentada. Para Leal, na atualidade existem muitas vozes que são permitidas na produção dos discursos do passado. Isso coloca o trabalho do historiador em novos desafios e dificuldades, pois, para o autor, é preciso que o historiador tenha habilidades para alcançar grandes audiências e de dominar a linguagem digital, o que não é uma tarefa fácil<sup>137</sup>.

Em nossa prática com os usos dos recursos digitais e mídias sociais, ocorreram dificuldades em adaptar a linguagem escrita e oral da temática para público. Afinal, como é possível abordar a pesquisa de forma didática, reflexiva e instigante para o público sem perder o teor científico? A fim de solucionar essa dificuldade, recorreremos a profissionais que utilizam essas ferramentas, absorvendo e refletindo suas experiências, e também buscamos dominar a linguagem digital através de cursos e palestras. O que chamou atenção, nesse processo e contato com linguagem digital, é que, para ter bons resultados com esses recursos digitais, é preciso “criar conexão” com o seu público-alvo, para obter o engajamento e a participação. Isso inclui: abordar sua rotina (no caso com a pesquisa); suas experiências pessoais e acadêmicas; objetivos; perspectivas e atitudes frente ao seu projeto. Essas ações podem colaborar para a adaptação cotidiana da escrita e linguagem nessas plataformas digitais e promover conexões para obtenção de bons resultados, alinhados aos seus objetivos.

Seguindo esses caminhos, ocorreram adaptações ao utilizar as mídias sociais particulares na tentativa de criar as conexões necessárias com o público-alvo destinado e

---

<sup>137</sup> LEAL, Bruno. *Onde fica a autoridade do historiador no universo digital?* In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; TRINDADE, Viviane Borges (orgs.). **Que história pública queremos? What Public History Do We Want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 173.

tivemos uma resposta positiva do público com essa ação. A partir dessa experiência, foi possível engajar o projeto nas mídias sociais e promover a pesquisa para um público mais amplo. E, nesse processo, no intuito de criar conexões com o público, utilizamos também a participação em uma emissora de rádio. Dessa forma, entramos em contato com a equipe da *Rádio T*, pois é uma influente e importante emissoras de rádio no município e na região, e realizamos uma entrevista com a radialista Francieli Óliver, conforme Figura 8.

Figura 8 – Entrevista na *Rádio T*



Fonte: Acervo da autora.

A entrevista teve como objetivo apresentar a pesquisa, a pesquisadora e os envolvidos no projeto e solicitar também o apoio da população para a participação por meio da consulta pública. Com a entrevista sendo transmitida no interior paranaense, foi possível conversar abertamente sobre os objetivos do projeto, interagir e compartilhar com a população a pesquisa em desenvolvimento. Através do alcance da rádio, a pesquisa atingiu uma audiência maior e, no final da entrevista, o público da região entrou em contato solicitando o *link* para participar da consulta pública.

Após a pesquisa ser divulgada, compartilhada e comentada, houve o convite para participar de uma reportagem com um jornal local do município de Campo Mourão, o *i44news*<sup>138</sup>. Entretanto, essa ação não compactuou com os objetivos do estudo. Durante a reportagem, discutiram-se os objetivos do projeto, as divergências temporais entre a presença de Josef Mengele no Brasil e o período de Josef Kanat em Mamborê e as questões sobre o

<sup>138</sup> A reportagem pode ser visualizada no link: [https://www.youtube.com/watch?v=NNWnna-M9Nk&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=NNWnna-M9Nk&feature=emb_logo). Acesso em: 05 nov. 2020.

imaginário da população em relação ao tema. Mas percebe-se que o trabalho do jornalismo permaneceu com aspectos sensacionalistas. Após a reportagem publicada, chamou atenção o título que foi apresentado para o público: “Dissertação diz que Josef Mengele, o ‘Anjo da Morte’ de Auschwitz, pode ter vivido em Mamborê”, influenciando o leitor a crer que a passagem de Mengele pelo município pode ter sido real. Além disso, as imagens e os sons utilizados na reportagem estimulam a imaginação em torno de algo misterioso e, na narrativa, houve cortes e distorção das falas da pesquisadora, não tendo ocorrido o *feedback* do trabalho para ser publicado. Ao entrar em contato com o jornalista, as tentativas de explicar o impacto disso na pesquisa não foram atendidas.

Essas experiências com a divulgação reforçam a importância do historiador em ocupar o espaço da comunicação para o diálogo com o público e o trabalho interdisciplinar com os profissionais da comunicação. Além disso, ao estar ao lado desses profissionais, foi possível conhecer com mais ênfase o trabalho realizado, a linguagem utilizada e a forma como lidam com o público. Esse breve contato foi necessário para compreender o universo da comunicação e agregar novas experiências para a atuação do historiador por meio da área.

No intuito de divulgar a consulta pública em espaços abertos, acessíveis e de circulação do público local de Mamborê, foi também produzido um cartaz, conforme Figura 9, com informações da pesquisa e o link do questionário em *QR-Code*. Considerando o município de Campo Mourão, que também fez parte desse passado relacionado a Kanat/Mengele em Mamborê, o cartaz foi disponibilizado no Museu Municipal e em espaços centrais onde havia aglomerações de pessoas<sup>139</sup>.

---

<sup>139</sup> Essa ação foi realizada antes da Pandemia Mundial causada pela Covid-19.

Figura 9 – Panfleto do questionário para consulta pública



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ

QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA PÚBLICA:  
JOSEF MENGELE x JOSEF KANAT

**Ei, você! Quer participar de uma pesquisa de opinião pública?**

*O tema da pesquisa consiste em investigar os discursos envolvendo a suposta passagem médico nazista Josef Mengele no município de Mamborê-PR sob a identidade de Josef Kanat.*

**Ao escanear o QRCode pelo seu celular ou tablet você vai ter acesso ao questionário on-line que irá permitir a participação na pesquisa de opinião pública.**

**VAMOS PARTICIPAR?**

Quer acompanhar o resultado da pesquisa?  
Entre em contato pelo e-mail:  
jocimara\_maciel@hotmail.com  
ou pelo whatsapp: (44)99957-0267

UNESPAR PPGHP

A participação na pesquisa de opinião pública é voluntária e as identidades dos voluntários (as) não serão expostas em nenhuma mídia social. A pesquisa está sendo desenvolvida por Jocimara Maciel Correia e Michel Kobelinski (Unespar, Campo Mourão).

Fonte: Acervo da autora.

Em Mamborê, a divulgação dos cartazes ocorreu em espaços públicos, por exemplo, no Colégio Estadual João XXI, na Biblioteca Municipal Daniel Miranda, praças públicas e pontos de ônibus. No momento da colagem dos cartazes, houve o contato entre a historiadora e as pessoas presentes no momento, no qual foi possível abordar a pesquisa e solicitar as colaborações e contribuição do público para a investigação, conforme Figura 10.

Figura 10 – Panfleto disponibilizado na Biblioteca Municipal



Fonte: Acervo da autora.

No Colégio Estadual, houve espaço para o direcionamento do questionário para turmas do Ensino Médio, ocorrendo reflexões sobre a pesquisa e o trabalho do historiador público com estudantes, conforme Figura 11.

Figura 11 – Consulta pública com alunos e alunas do Ensino Médio



Fonte: Acervo da autora.

Além da consulta pública virtual, o questionário foi impresso para alcançar os públicos que não possuem acesso ou afinidade com as plataformas digitais. Com a consulta pública impressa, o questionário seria compartilhado com o público em suas residências e, também, em espaços comunitários e públicos como o Centro de convivência de idosos, Casa da Cultura, Centro de Saúde entre outros. As primeiras visitas estavam programadas para ocorrer em março de 2020, no entanto, com o avanço da pandemia mundial causada pela Covid-19, por medidas sanitárias e de segurança, o contato pessoalmente com público mamboreenses foi interrompido e a consulta de opinião pública ficou sendo compartilhada apenas nas mídias sociais.

A interação direta com o público através da panfletagem, abordagem no ambiente escolar e espaços públicos foi importante para atrair o público para a pesquisa. Além de promover ações por meio de plataformas digitais, consideramos importante manter o diálogo pessoal e direto com o público, pois isso pode proporcionar aproximações e outras experiências entre pesquisador e sujeitos, fortalecendo o vínculo em relação à pesquisa desenvolvida.

No processo da pesquisa, observamos que, entre os meses de janeiro e início de março de 2020, a participação do público teve uma maior interação, já que, além das ações utilizando os meios de comunicação e mídias sociais, havia também o contato direto entre a pesquisadora com o público, fazendo com que ocorressem mais colaborações na consulta pública.

Contudo, nos meses de abril a novembro de 2020, observou-se um percentual baixo nas colaborações e alguns desafios de interação. Durante esse período, houve um esforço cotidiano de buscar o público para participar da pesquisa, com compartilhamentos, divulgações e interações no ambiente virtual. Mas observamos que, nesse momento de pandemia, ocorreu uma sobrecarga de vários setores da sociedade com a utilização das plataformas digitais e, por esse fator, certos distanciamentos e falta de interesse nas colaborações públicas por meio da consulta pública virtual aconteceram. Além disso, é preciso considerar as limitações referentes ao universo digital, pois nem todas as pessoas possuem condições e acesso às plataformas virtuais. Assim, as pessoas que não tiveram contato e acesso com a consulta pública virtual não puderam colaborar com a pesquisa.

Em linhas gerais, essas ações práticas para alcançar o público-alvo da pesquisa foram positivas, pois foram pensadas de forma colaborativa com o objetivo de alcançar esse público e atraí-lo para o processo de desenvolvimento da pesquisa. A prática em utilizar questionários em pesquisas acadêmicas pode ser comum no ambiente acadêmico, contudo a forma como você utiliza essa ferramenta com o público que pretende atingir é o que faz a diferença nos resultados e nas colaborações. Por isso, para a coleta dos dados, o questionário de consulta pública foi compartilhado pelas plataformas digitais, mídias sociais e panfletagem, assim como disponibilizado na versão impressa. Além disso, mantivemos o contato direto com membros do município, entre eles, estudantes, professores e munícipes, na busca de movimentar e atrair a população no processo de realização da pesquisa. E essas ações se tornaram significativas tanto para o público colaborador como para a pesquisadora, pois ocorreu o processo de autoridade compartilhada com a troca de conhecimentos e informações sobre esse tem histórico.

Nesse processo de desenvolvimento da pesquisa, identificamos que os atendimentos médicos de Josef Kanat em Mamborê marcaram a vida de muitos mamboreenses e, ao refletir esse passado, encontramos memórias sensíveis e traumáticas de pacientes negligenciados por Kanat, como é o caso da ex-moradora de Mamborê Zilda Fantin. No tópico a seguir, apresentamos a entrevista com Zilda, que narrou as memórias de sua família sobre esse caso.

### 2.3 Negligências de Josef Kanat: entrevista com Zilda Fantin

Sandra Pesavento (2017) relata que o historiador precisa compreender e encontrar a subjetividade dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis que atuam exteriormente às experiências íntimas, individuais ou coletivas, e que precisa ir além dos fatos e fontes. Para a autora, o historiador deve estar atento aos sentimentos, motivações, lógicas e emoções para se pensar um respectivo período histórico, pois as problemáticas no presente o convidam para novas questões e reflexões<sup>140</sup>. E assim, no processo da pesquisa com o público mamboreense, identificamos as memórias traumáticas que esse passado carrega devido às negligências médicas causadas por Josef Kanat.

Segundo Pesavento (2007), rememorar com o público questões relacionadas a memórias sensíveis ou que foram traumáticas não é ter o mesmo sentimento ou sentir da mesma forma que o outro, mas sim buscar explicar como aquelas pessoas passaram por experiências sensíveis pelos fragmentos deixados no decorrer dos tempos. Para a autora, pensar nessas questões sensíveis não é somente voltar-se para o indivíduo e estudar seu passado, sua subjetividade e sua trajetória de vida. É também compreender e lidar com a vida privada com todas as suas dimensões e formas de exteriorizar, esconder os sentimentos e representações<sup>141</sup>. E isso, de acordo com a autora, é um desafio que exige ir além das fontes, passível, também, de encontrar mais dúvidas que afirmações, pois isso representa uma compreensão do conhecimento e dos eventos históricos que estão além do conhecimento racional e científico<sup>142</sup>. Concordamos também com a autora quando ela afirma que essas questões sensíveis das memórias traumáticas dos sujeitos são “[...] como operações imaginárias de sentido de representação do mundo, que consegue tornar presente uma essência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido”<sup>143</sup>.

Dessa forma, conforme Pesavento (2007) reflete, toda a experiência sensível do mundo, sendo compartilhada ou não, mas que exprime uma subjetividade ou uma sensibilidade coletiva, é necessário oferecer à compreensão enquanto fonte, sendo preciso concretizar em um registro em que possa permitir a absorção dos seus significados. Portanto, é nessa esfera que buscamos também refletir essa temática que envolveu a suposta passagem do médico nazista no município de Mamborê, pois o processo dialógico do conhecimento

---

<sup>140</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. **Sensibilidades na história:** memórias singulares e identidades sociais. UFRGS Editora, 2007, p. 19.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p.10.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 14.

histórico entre o historiador com o público trouxe à tona um passado marcado por recordações traumáticas e que precisam ser dialogadas com diferentes público.

E para conhecer e apresentar as memórias sensíveis que esse passado carrega, realizamos uma entrevista com a ex-moradora de Mamborê Zilda Fantin, conforme Figura 12. Zilda nasceu em novembro de 1956 pelas mãos de Josef Kanat, é natural de Mamborê, foi professora do município, atualmente está aposentada e é moradora da cidade de Maringá<sup>144</sup>.

Figura 12 – Entrevista realizada com Zilda Fantin



Fonte: Acervo da autora.

No primeiro momento da entrevista houve uma caminhada no parque durante a qual conversamos sobre o tema. Esse momento foi importante também para que a entrevistada estivesse mais à vontade. Ao escolher um lugar mais calmo no parque, a entrevistada, que já havia sido apresentada aos objetivos da pesquisa, iniciou sua fala abordando sobre sua mãe, Iris Fantin.

Nas memórias de Zilda, sua mãe narra que o parto havia sido complicado por vários fatores, sendo ora pelo procedimento que Kanat utilizou, a brutalidade, ora pelas agressões psicológicas, com xingamentos e ameaças. Em seguida, percebeu-se que Zilda havia nascido com um corte em uma das orelhas, suas costas com ferimentos graves e que contraiu tétano.

---

<sup>144</sup> A entrevista com Zilda ocorreu em um ambiente aberto no Parque do Ingá, por escolha da entrevistada, e teve a duração em média de uma hora e meia.

Nesse momento, Zilda relembra as dores que sua mãe passou após o parto, quando havia ficado nove dias sem poder se levantar da cama. De acordo com Zilda,

[...] cresci escutando essas histórias. Desde criança, o pai falava: “Ai se um dia eu encontrara aquele alemão”, e eu cresci ouvindo aquilo. A mãe ganhou eu em casa e não podia se mexer, e eu encolhida porque peguei tétano, e o pai foi atrás do benzedor. [...] Eu falo assim: eu não nasci, eu fui arrancada. Minha mãe ficou nove dias e não se mexia na cama. A dona Vilma contava que o quarto ficou aquela sangueira, imagina, dois homens para segurar as pernas da mãe. A dona Vilma falava: “Olha, Zilda, você está viva só por Deus mesmo, se você soubesse o que tua mãe passou pra ter você”<sup>145</sup>.

Em seguida, Zilda recorda os transtornos que sua mãe passou ao precisar ser encaminhada para Curitiba e realizar uma cirurgia devido aos procedimentos negligentes utilizados por Kanat na hora do parto.

O Dr. José falou assim para o pai: “Você conhece só sua mulher?”. E ele disse: “Sim, por quê?”. O médico respondeu: “Porque isso não é normal”. Mas meu pai não sabia, imagina em 56 quem sabia alguma coisa, né? Aí, quando eu tinha, sei lá, uns cinco ou seis anos, eles foram para Curitiba de avião, vieram pra Maringá, pegaram um avião “teco-teco” e foram para Curitiba, e lá a mãe operou. A mãe falou que tinham nove médicos pra operar ela. E daí foi emendado o intestino dela com intestino de carneiro. Um sofrimento atrás do outro.

Na sequência, a entrevistada abordou que, naquele período, não havia indícios de que Kanat poderia ser um nazista disfarçado. Entre as recordações da época, Kanat era lembrado apenas por ser um médico que trouxe dor e sofrimento para muitos membros da comunidade. No entanto, com o passar dos anos, com as suspeitas de que Kanat poderia ser Josef Mengele, Zilda recordou que sua mãe se lembrava dos fatos com muita tristeza e lágrimas no rosto e que buscava justiça pelo sofrimento que aquele médico a fez passar. Nas palavras de Zilda, “a mãe quando começava a contar, já começava a chorar”.

Nesses fragmentos, percebem-se as consequências dolorosas com as quais a senhora Íris precisou lidar após o procedimento que Kanat realizou durante o parto de sua filha. Observou-se na narrativa de Zilda que o sofrimento relatado não é apenas físico, mas que está ligado ao sofrimento psicológico, em precisar novamente ser direcionada a uma cirurgia de reparação e lembrar constantemente esse passado nos meios de comunicação. Os procedimentos de Kanat durante a realização do parto causaram, além da dor em Íris, mutilações nas orelhas e ferimentos nas costas de Zilda.

---

<sup>145</sup> Entrevista realizada no Park do Ingá, município de Maringá, no mês de fevereiro de 2020.

De acordo com a colaboradora, após a reportagem realizada por uma TV quando sua família e outros pacientes de Kanat foram procurados para entrevistas, o assunto tomou a cidade e sua vida mudou. “Antes, eu era a Zilda Fantin, e depois fiquei como a filha de Mengele”. Após a repercussão do caso, Zilda narra que tomou uma decisão de cortar o cabelo, pois muitas pessoas queriam ver a orelha cortada pelo suposto médico nazista. Nas palavras de Zilda:

[...] eu não deixava meu cabelo curto, eu tinha vergonha da minha orelha, eu sempre deixava meu cabelo comprido [...] aí eu cortei o cabelo, porque todo mundo queria ver a orelha. Tem gente que dá umas olhadas meio de atravessado, eu nem ligo. Mas eu tinha vergonha, muita, muita, muita vergonha.

No fragmento anterior, observa-se a interferência das mídias na vida das pessoas. Nessa época, ao serem expostas ao público diante daquele passado, as memórias e recordações dos moradores passaram a ser públicas. Nesse processo, pontuam-se duas colocações importantes em relação a esse passado. A primeira gira em torno da busca pela afirmação sobre qualquer resquício que viesse a comprovar que Mengele esteve naquele município, disfarçado com outro nome, mas realizando a medicina. A segunda refere-se à exposição traumática dos pacientes em uma tentativa de atrair o público leitor para o caso. Ao final da entrevista, Zilda relata que teria vontade de encontrar Kanat para poder entender os motivos de ele ter feito tantas pessoas de Mamborê sofrerem.

Antes de Josef Kanat chegar a Mamborê, a população precisava se dirigir para o município de Campo Mourão ou ser diagnosticada pelo farmacêutico da comunidade. A anestesia inalatória já era comum na época em práticas cirúrgicas. O Brasil já contava com um Conselho de Saúde, criado em 1948, que se caracterizou pela função administrativa do governo para garantir melhores condições de saúde para a população.

Em seguida, com a criação do Ministério da Saúde, em 1953, já estavam ocorrendo mudanças nas ações com políticas públicas de saúde para a população com foco em atender às demandas das regiões e zonas rurais. E, no ano de 1954, pelas leis vigentes no Brasil, era dever do Estado e da família defender e proteger a saúde dos sujeitos<sup>146</sup>. Já o artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948 garante que “ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes”. O artigo em questão refere-se a possíveis atrocidades contra ao direito da pessoa humana, quando há

---

<sup>146</sup> COMUNICAÇÃO, Assessoria de. Cronologia Histórica da Saúde Pública. **Funasa**, 2017.

um grande sofrimento mental ou físico, ou são submetidas a esforços que ultrapassam seus limites humanos.

Em relação ao parto, no Brasil não existe uma lei sobre a violência obstétrica, no entanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera uma violação dos direitos humanos quando o parto é realizado com desrespeitos, abusos e maus-tratos em intuições de saúde. Nesse contexto, Josef Kanat, além de privar seus pacientes de atendimentos humanos, sem uso de anestésias nas cirurgias e deixando grandes marcas físicas, deixou também os pacientes com traumas pelos procedimentos realizados. E essas memórias sensíveis e traumáticas desse passado precisam ser compartilhadas para o público em geral, para que as pessoas compreendam a gravidade do ocorrido e possam refletir sobre as dores que Josef Kanat proporcionou na vida dos pacientes que ele negligenciou.

Ao realizar a entrevista com a Zilda, foi preciso estar mais disposto a ouvir do que a falar. A arte da escuta, como reflete o historiador Alessandro Portelli (2016), ressignifica a forma como podemos ouvir nossos entrevistados, visto que o trabalho do historiador não se limita apenas na coleta do depoimento<sup>147</sup>. Ouvir, sentir e rememorar o passado no processo mútuo entre o entrevistado e entrevistador podem desvelar segredos, abrir novas questões, conhecer o desconhecido, aflorar o imaginário e, por alguns instantes, é possível viajar para o passado, onde são formados pequenos filmes nostálgicos nas mentes.

Ao se transportar para esse passado, junto com a entrevistada, um elo foi criado, tornando-se algo além da coleta do depoimento, transcrição das entrevistas e publicação do material. Esse elo se construiu no processo dialógico entre ambas as partes, e será fortalecido com a continuidade do debate, com novas formas de reflexões e compartilhamentos do tema. Conforme reflete Portelli (2016), o mais importante ao realizar um trabalho dialógico com a História Oral é que ela não acaba ao final da entrevista, ou com uma publicação. Ela precisa encontrar maneiras de ser útil aos públicos envolvidos e à comunidade<sup>148</sup>. E, para isso, é preciso pensar em novas ações e direcionamentos com os entrevistados e com o público, não apenas reproduzindo e divulgando as informações, mas também buscando ações, conforme Juniele Rabêlo de Almeida (2018, p. 107), que envolvem a “[...] produção de conhecimentos sensíveis, que poderá implicar em compromissos públicos; por meio de debates amplos e processos de reconhecimentos.”

A historiadora Samantha Viz Quadrat (2018) aponta que acontecimentos traumáticos e sensíveis exigem tratamentos éticos e morais, capazes de promover empatia pelos atingidos

---

<sup>147</sup> PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 21.

e repulsa com condenatória pelo que ocorreu no passado e pelas consequências que afetam o presente. A autora destaca também que os temas sensíveis recaem sobre o dever de memória para todos, e estudantes, comunidades e Estado possuem obrigações para reconhecer e honrar as memórias de sujeitos que foram atingidos pelo terror, opressão e violência<sup>149</sup>.

Além do mais, os temas sensíveis na História são frequentemente refletidos a partir de acontecimentos históricos traumáticos globais para promover discussões locais. No entanto, concordamos com Andrea Huyssen (2000) que, ao utilizar comparações globais de temas traumáticos, isso pode retirar a reflexão das especificidades dos eventos locais, ocasionando, de acordo com o autor, “[...] uma falsa memória, ou simplesmente bloquear a percepção de histórias específicas”<sup>150</sup>. Por exemplo, em Mamborê, para identificar se o médico nazista havia passado pelo município sob outra identidade, ocorreram as comparações das experiências de Josef Mengele no campo de Auschwitz, com os atendimentos imprudentes e negligentes de Kanat na década de 1950. Inclusive, essas comparações foram usadas em discursos para justificar e afirmar que Mengele estava sob a identidade falsa de Kanat.

Nesse caso, consideramos que é preciso reconhecer com o público esse passado traumático em âmbito local, sob o olhar e a escuta sensíveis dos sujeitos que sofreram violações dos seus direitos básicos de atendimentos médicos e que foram esquecidos no decorrer dos tempos, em decorrência do interesse da grande parte do público e dos meios de comunicações em apenas buscar informações e comparações para constatar a passagem de Josef Mengele pelo município.

---

<sup>149</sup> QUADRAT, Samantha. É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil? *In: Que história pública queremos?* São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018, p. 213.

<sup>150</sup> HUYSSSEN, 2000, p. 13.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver uma pesquisa no movimento da História Pública não foi uma tarefa fácil. Contudo, por meio de leituras teóricas, reflexões e experiências, foi possível sentir o que a História Pública pode oferecer para esta pesquisa e a atuação da historiadora com o público. E, nesse processo, compreendeu-se que é preciso estar com o público, ouvi-los, olhar o outro e sentir sua história, não como um objeto de pesquisa, mas como seres humanos repletos de memórias, representações, lembranças e conhecimentos passíveis de compartilhamentos mútuos. Ao absorver essa essência da História Pública, o estudo fluiu naturalmente entre pesquisadora e os públicos destinados.

No desenvolvimento deste trabalho, que foi realizado por diversas colaborações, obtivemos o contato direto e virtual com boa parte da população, e o resultado de cada movimento realizado significava mais ações. A partir do privilégio de possuir bons contatos com os moradores do município de Mamborê, bem como contar com o apoio de membros dessa comunidade, foi possível ampliar a reflexão e a troca de conhecimentos e informações sobre o tema de pesquisa.

Ao refletir sobre a suposta passagem de Josef Mengele em Mamborê, analisamos que esse passado foi construído, reformulado e – o mais importante – consumido e compartilhado com uma certa frequência com o público. Essa difusão foi alimentada pelo público por meio de livros, TV ou jornais, pois esse tipo de material “vende” mais e, nesse caso, Josef Mengele ter supostamente passado por Mamborê também rendeu muitas notícias e trabalhos sobre o tema.

O caso de Josef Mengele foi amplamente investigado por diversas pessoas e lugares distintos; todavia, não se obteve sucesso para realizar o seu julgamento e condená-lo pelos milhares de mortos no campo de concentração em Auschwitz e os traumas ocasionados entre os sobreviventes do Holocausto. Mengele ficou impune, e isso provocou uma reação negativa na sociedade. Os crimes e a violação dos direitos humanos praticados nesse período precisavam ser examinados e esclarecidos, e a justiça precisava ser feita de acordo com a opinião pública. Nesse caso, toda a repercussão sobre Mengele, mesmo que, muitas vezes, transparecendo o sensacionalismo, no fundo, pode carregar outros significados. Dessa perspectiva, nota-se que todo o envolvimento para encontrar o médico nazista representou o desejo de justiça e preservação das memórias para que esse passado não seja apagado e esquecido na humanidade.

Notadamente, quando esse caso se tornou interesse do público local e regional, ocorreu o processo de rememoração do passado, e, nesse processo, houve a disputas de interesses tanto individuais como coletivos. Desse modo, compreendemos que esse grupo correlaciona a figura cruel de Mengele com as experiências médicas traumáticas na década de 1950. Além dos discursos sobre os métodos de atendimentos de Josef Kanat, há também sua saída do município sem explicações, colocando-o na mesma situação de Mengele, como fugitivo. Essas memórias populares fizeram parte dos discursos que incorporam a imagem de Josef Kanat com a de Josef Mengele, pois os sentidos construídos por meio da hipótese “Josef Mengele em Mamborê?” pressupõem que o terrível médico nazista poderia ter vivido em uma pequena cidade do interior do Paraná e continuado suas experiências, atendimentos cruéis através de pacientes. Experiência traumática e o medo de ter sido mais uma vítima de um nazista estão presentes nesses discursos.

No entanto, após realizar o mapeamento da chegada de Mengele e Kanat na América Latina, confirma-se que não poderiam ser a mesma pessoa, pois as fontes encontradas revelam que Mengele chegou ao Brasil apenas em 1960, e Josef Kanat em 1954. Além disso, a passagem de Kanat pelo município de Mamborê se confirma entre os anos de 1956 e 1957. E Mengele, nesse mesmo período, estava vivendo na Argentina. Contudo, as informações sobre não se tratar de Josef Mengele, a figura histórica de Josef Kanat marcou aquele médico nazista, vinculando-se na memória individual e coletiva, e também na imaginação de muitas pessoas. Mas isso não exclui o fato de Kanat ser uma pessoa negligente que buscou refúgio em uma pequena comunidade no interior e, depois de ter realizado diversos procedimentos dolorosos aos pacientes e levado uma jovem ao óbito, fugiu sem deixar vestígios.

Por meio das teorias sobre a suposta passagem de Josef Mengele pelo interior do Paraná e no município de Mamborê, identificamos que o conteúdo disseminado foi significativo para a construção gradativa das memórias coletivas, tanto que o assunto ainda é compartilhado pelo público. Os impactos causados pelos textos jornalísticos, por exemplo, com repetições e seleções de depoimentos noticiados, foram primordiais para os posicionamentos das pessoas em relação ao caso. Além disso, as fontes orais e documentais foram utilizadas pelos meios de comunicação (jornal e televisão) para trazer conteúdo informativo à população, que se apropriou de tais conhecimentos e os reproduziu.

Observamos que, nas décadas de 1980-90, o tema envolveu novamente o público sobre as identidades de Kanat e Mengele, entretanto, ainda não havendo provas suficientes para comprovações, nota-se que os discursos jornalísticos conduziram novas narrativas. Isso ficou evidente também a partir das matérias e reportagens da década de 2010, em que se apresenta

o caso para a população, afirmando não ser possível afirmar a vinculação entre a identidade dos dois médicos, mas que esse caso ainda é um mistério não resolvido.

Pode-se constatar que as matérias de jornal e de televisão não propiciam uma reflexão, mas, ao contrário, reproduzem algo que não foi suficientemente discutido com a população de Mamborê. O propósito era explícito: desvendar o mistério da passagem de Josef Mengele no estado do Paraná. E, para tanto, não houve o cuidado em ouvir com atenção os depoimentos e procurar compreender o processo como um todo. Dessa forma, os discursos produzidos nos jornais repercutiram a imagem de que Josef Mengele era Josef Kanat disfarçado.

O uso das fotografias foi também decisivo na construção dos discursos sobre Mengele em Mamborê. As únicas fotografias de Kanat no município foram empregadas para reforçar a aparência física de Mengele, por meio da feição do rosto e do marcante bigode que ambos utilizavam. Ainda, com o apoio das fotografias, as pessoas recordam comportamentos de Kanat, por exemplo, o médico andar batendo os calcanhares, ser uma pessoa reservada e gostar de falar sobre carpintaria. Concordamos com Ana Maria Maud (1996) ao expor que os seres humanos não ficam passivos diante de uma fotografia, porque ela incita a imaginação, faz-nos refletir sobre o passado, a partir da materialidade da imagem fotográfica<sup>151</sup>. Para além da imagem fotográfica, considera-se que as fotografias foram gatilhos que expressaram as memórias individuais e coletivas do público mamboreense.

Em relação ao processo da pesquisa, pelos aportes teórico-metodológicos da História Pública, ocorreu a aproximação da pesquisadora à parte dos moradores da cidade de Mamborê, em um processo mútuo de aprendizagem sobre a temática. Gradativamente, com o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se que houve uma ampliação das possibilidades de interação, contato e diálogo com os mais variados públicos.

A partir da experiência com a História Oral na interface com a História Pública, foi possível compartilhar as experiências vividas pelos moradores em torno das memórias em relação ao suposto médico nazista. Com a realização das entrevistas, buscou-se ir além da coleta de memórias e de sua transformação em informações compartilháveis. A entrevistadora e o entrevistado compartilharam juntos os processos de rememoração do passado, fazendo com que o trabalho com a História Oral fosse construído coletivamente entre ambas as partes. Dessa forma, a entrevistadora não se isentou ou se afastou de seu objeto, pelo contrário, faz parte dessa construção das memórias.

---

<sup>151</sup> MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, 1996, p. 15.

Ressignificar a prática em História Oral sob a ótica da História Pública se tornou importante para ampliar as possibilidades de interação e conexão com os entrevistados. Essa resignificação ficou intrínseca no processo de realização das entrevistas, estimuladas pelo respeito, reconhecimento e ética na escuta das narrativas, pelo diálogo colaborativo e no compartilhamento de autoridade, em que foi possível manifestar as experiências em relação ao tema, apontando as vivências com as memórias e com as fontes científicas. Nesse caso, entrevistador e entrevistado puderam obter juntos os processos de rememoração do passado. Ademais, na prática reflexiva e metodológica da História Oral com a História Pública, as entrevistas de base qualitativa foram além da recolha de memórias, transcrição e de sua transformação em informações compartilháveis no espaço acadêmico, ocorrendo com a intenção de promover uma reflexão aberta no processo de escuta das falas e compreendendo as diversas narrativas construídas nesse processo de rememoração, além de valorizar o processo de interação e diálogo das experiências.

As colaborações públicas, por meio da consulta de opinião, revelaram posições consagradas na comunidade, mas também pessoas que se opõem aos discursos construídos sobre Mengele ser Kanat disfarçado. É importante destacar que o intuito com a ação da consulta pública foi buscar conhecer o conhecimento do público em relação a esse passado, possibilitando um espaço para comentar, compartilhar, registrar sua memória e proporcionar participação no processo de desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica.

Com as colaborações públicas, foi possível reconhecer a influência dos meios de comunicação e dos depoimentos familiares que se construíram por meio dos discursos enigmáticos, conspiratórias e sensacionalistas. Os pacientes atendidos por Kanat foram expostos a um enredo de trama com o único objetivo de afirmações sobre a identidade de Josef Mengele e não obtiveram justiça pelos procedimentos brutais e traumáticos cometidos nas cirurgias pelo suposto médico. A demora na compreensão e divulgação desse caso fez com que os procedimentos de Kanat fossem considerados “normais” na época.

E assim, retomamos a importância de se pensar essa temática com o público de Mamborê e região, para além de reproduzir o mistério ao redor Kanat e Mengele. A partir dessas considerações, é preciso promover mais ações com essa temática com o público mamboreense, trazendo novas questões, novos debates e novos posicionamentos, a fim de que esse passado sensível não fique apenas no campo enigmático, mas que possa transformar os discursos construídos em cima de conspirações e mistérios em um novo olhar e leitura do público, considerando as memórias sensíveis e traumáticas desses sujeitos, sem banalizações e sensacionalismos.

## FONTES

### Imagens

KANAT, Josef. Bodas de Prata de Dileta Domingues Ciconello e Giacomo Ambrósio Ciconello, no dia 14 de fevereiro de 1956, em Mamborê.

### Material Audiovisual

Dissertação diz que Josef Mengele, o ‘Anjo da Morte’ de Auschwitz, pode ter vivido em Mamborê. **I44News**. 12 de fev. de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=298&v=NNWnna-M9Nk&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?time_continue=298&v=NNWnna-M9Nk&feature=emb_title). Acesso em: 9 nov. 2021.

MEU Paraná investiga a possível passagem de Mengele pelo Paraná: Cruel médico nazista teria se escondido durante anos em Mamborê. **Meu Paraná**. Curitiba, 23 de nov. 2013.

Olipa, Vilson. Gravação de áudio, 1985.

Podcast #8: Mestranda de Mamborê fala sobre sua pesquisa referente ao médico Josef Kanat. 07 de fev. 2020. **TrNotícias**, Disponível em: <http://trnoticias.com.br/podcast/index.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

### Jornais e Publicações Impressas

COMUNICAÇÃO, Assessoria de. Cronologia Histórica da Saúde Pública. **Funasa**. 2017. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/cronologia-historica-da-saude-publica> Acesso em: 10 jan. 2021.

DALEFFE, Dilmércio. O preço das mãos nazistas, **Tribuna do Interior**, Cidades, Campo Mourão, 11 de set. 2011.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em: 10 jan. 2021.

Jornal **Folha de Londrina**. Sem data.

Jornal **O Cruzeiro**, p. 129, edição nº 41, 22 de julho de 1981.

MARCIO, Antonio. Supostas vítimas de Josef Mengele ainda guardam marcas e lembranças. **Tribuna do Interior**, Cidades, 27 de junho de 2010.

UM carrasco em Mamborê. **História**. Pauta 14-15. março.

MÉDICO suspeito de ser Dr. Mengele, Liberação da Polícia Brasileira. **Arquivo da Agência Telegráfica Judaica**, 1961. Disponível

em: <https://www.jta.org/1961/07/25/archive/brazilian-police-release-physician-suspected-of-being-dr-mengele>. Acesso em: 05 ago. 2020

ARRESTATION au Brésil d'un homme qui pourrait être le Dr Mengele, **Le Monde**, 1961. Disponível em:

[https://www.lemonde.fr/archives/article/1961/07/24/arrestation-au-bresil-d-un-homme-qui-pourrait-etre-le-dr-mengele\\_2265364\\_1819218.html](https://www.lemonde.fr/archives/article/1961/07/24/arrestation-au-bresil-d-un-homme-qui-pourrait-etre-le-dr-mengele_2265364_1819218.html) Acesso em: 05 ago. 2020

JOSEPH não é Mengele. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 1961. Disponível

em: [http://memoria.bn.br/pdf/221961/per221961\\_1961\\_11868.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/221961/per221961_1961_11868.pdf). Acesso em: 14 ago. 2020.

MÉDICO-mostro Mengele prêso em Mato Grosso. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 22 de jul. 1961. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=kanat&pasta=ano%20196&pagfis=74923>. Acesso em: 9 nov. 2021.

TUDO faz crer que Mengele foi preso. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 22 de jul. 1961. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_15&pesq=kanat&pasta=ano%20196&pagfis=10896](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_15&pesq=kanat&pasta=ano%20196&pagfis=10896). Acesso em: 10 nov. 2021.

POLÍCIA: aumenta certeza que Kanat é Mengele. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 22-23 de jul. 1961. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&pesq=kanat&pasta=ano%20196&pagfis=6340](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pesq=kanat&pasta=ano%20196&pagfis=6340). Acesso em: 10 nov. 2021.

O falso Mengele. **A Luta Democrática**: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1961.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&pesq=kanat&pasta=ano%20196&pagfis=19850>. Acesso em: 10 nov. 2021.

JOSEPH não é Mengele. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1961.

Organização Mundial de Saúde (OMS). **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde**. 2014. Disponível em:

[www.who.int](http://www.who.int). Acesso em: 10 jan. 2021.

### Entrevistas:

Maria Gizelta da Silva Veiga. Entrevista realizada no dia 25 de Janeiro de 2019.

James Correia, Entrevista realizada no dia 04 de fevereiro de 2020.

Zilda Catarina Fantin. Entrevista realizada no dia 12/02/2020 em Maringá – PR.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Bem. **Mengele: a verdade veio à tona**. São Paulo, Sherit Hapleita do Brasil, 1994.
- ALMEIDA, Juniele Rabelo de. ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo, Letra e Voz, 2012.
- ALMEIDA, Victor Porfírio dos Santos. **A Medicina nos Campos de Concentração de Auschwitz**. 2016. f (39). Monografia (Graduação em Medicina) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2086>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- ANTONIO, Mariana Dias. Última hora: (auto)consagração e mitos de um jornal. **4º CONEC – Congresso Nacional de Estudos Comunicacionais**, 2019, p. 279-280.
- ASTOR, Gerald. **Mengele o último nazista**. São Paulo, Planeta do Brasil, 2008.
- BACKER, Jean-Jacques. A opinião pública. *In*: RÉMOND, René; ROCHA, Dora. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 227.
- BARBOSA, Marialva. Imprensa e História Pública. *In*. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Ed.). **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. Letra e Voz, 2016, p. 121-131.
- BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. **Les Temps Modernes, Noroit** (Arras), 1973.
- CASTRO, Gustavo de. **Imaginário, literatura e mídia**. São Paulo: Annablume, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- DUMINELLI, Marta Lino; HAHN, Fábio André. Memórias sobre o nazismo no Paraná: o caso de Josef Mengele. **Os professores PDE e os desafios das escolas públicas paranaenses**. v. 1, 2012, p. 1-18.
- FRISCH, Michel. A História Pública não é uma via de mão única ou de A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. *In*: Mauad, A. M.; Almeida. J. R.; Santhiago, R. (org) **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-69.
- GALLE, Helmut. Os escritos autobiográficos de Josef Mengele. **Estudos Avançados**, v. 25, p. 269-286, 2011.
- GUEZ, Oliver. **O desaparecimento de Josef Mengele**. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2019.
- GUTERMAN, Marcos. **Nazistas entre nós: a trajetória dos oficiais de Hitler depois da guerra**. São Paulo. Editora Contexto, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HAHN, Fábio André, MORIGI, Josimari de Brito. A fronteira em questão: estudo da ocupação de Mamborê/Pr. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In: Seduzidos pela memória*: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JUNIOR, Jair Elias. **Campo Mourão**: a construção de uma cidade. Campo Mourão, Midiograf, 2018.

KOBELINSKI, Michel. VIEIRA, Denise Escolari. Novas sensibilidades na América Latina: expressões histórico-literárias (sécs. XVIII-XXI). **Novas sensibilidades na América Latina: ensaios de história e literatura**. Curitiba: CRV. 2016.

LE GOFF, Jacques et al. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? *In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

LIPPMAN, W. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 2, mar./abr. 2014, p. 45-57.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira. O percurso da História das Sensibilidades. **VIII CIH**. 2017, p. 2537- 2542.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MEINERZ, Marcos Eduardo. “**O Reich de mil anos**” – O imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial. 2018. f.336, Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MEINERZ, Marcos Eduardo. **O imaginário da formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Samp, 2017.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. **Jornal da Unicamp**.

São Paulo, 27 de maio. 2019. Disponível em:

<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>. Acesso em 10 nov. 2020.

NOIRET, Serge. História digital pública. **Liinc em Revista**, v. 11, 2015. p. 28-51.

OGASSAWARA, Juliana Sayuri. BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 39, n. 80, 2019, p. 37-59.

OLIPA, Vilson. **História de Mamborê**. (Mamborê, s.n), 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009

PAPPON, Thomas. Nazismo: a segunda morte de Josef Mengele no Brasil. **BBC News Brasil**. 25 de fev. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista brasileira de História**, 1995, p. 1-19.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (eds.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2007.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo, Letra e Voz, 2010,

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POSNER, Gerald; WARE, John. **Mengele: a história completa do anjo da morte de Auschwitz**, São Paulo: Cultrix, 2019.

QUADRAT, Samantha Viz. É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil? *In*: MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T (orgs.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 213-220.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. *In*: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, 2018, p. 286-309.

STEIN, Marcos Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. 2000. f.147. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2000.

WEBER, Andréa Franciéle; PÉRSIGO, Patrícia Milano. **Pesquisa de opinião pública: princípios e exercícios**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2017.